

**INSTITUTO JUNGUIANO DE SÃO PAULO – IJUSP ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA  
DO BRASIL – AJB FORMAÇÃO PARA ANALISTA**

**DANIELA LASKANI**

**UMA CARTA VINDA DE GEOS: CONVERSAS ENTRE NÃO-VIVOS, MORTOS E  
PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**SÃO PAULO 2024  
DANIELA  
LASKANI**

**UMA CARTA VINDA DE GEOS: CONVERSAS ENTRE NÃO-VIVOS, MORTOS E  
PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Monografia apresentada ao Instituto Junguiano de São Paulo – IJUSP e Associação Junguiana do Brasil – AJB, como requisito parcial para obtenção de título de analista pela International Association of Analytical Psychology – IAAP.

Orientadora: Acací de Alcantara

SÃO PAULO  
2024  
DANIELA LASKANI

## **UMA CARTA VINDA DE GEOS: CONVERSAS ENTRE NÃO-VIVOS, MORTOS E PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Monografia apresentada ao Instituto Junguiano de São Paulo – IJUSP e Associação Junguiana do Brasil – AJB, como requisito parcial para obtenção de título de analista pela International Association of Analytical Psychology – IAAP.

### **BANCA EXAMINADORA:**

---

Fátima Sta Rosa Guimarães

Psicóloga clínica – Membro Analista Didata do Instituto de Psicologia Analítica da Bahia (IPABAHIA/AJB/IAAP); Co-coordenadora do Departamento de Ecopsicologia da AJB; Autora do livro “Perdidos e Achados – entre a escuta poética e a psicoterapia” Ed. Solisluna.

---

Paula Serafim Daré

Psicóloga clínica, doutoranda e mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; especialista em cinesiologia pelo Instituto Sedes Sapientiae; Analista junguiana pela Associação Junguiana do Brasil (AJB) e International Association for Analytical Psychology (IAAP).

À Alda Gonçalves Laskani (in memoriam), Eugênio Bureta Pascual (in memoriam), Maria Monzon Mora e Luis Angulo Fernandes (in memoriam), gérmen das minhas raízes, presenças manifestas.

## **AGRADECIMENTOS**

À base, Rocio Simone Angulo Borelli, Luiz Laskani Filho, Rocio Marcelina Bureta Angulo e Luis César Angulo que em meio às manifestações outras são vitais como sustentação, amor e inspiração para o arranjo e con/textura das ideias e atravessamentos afetivos substanciais.

Aos meus irmãos Anna Silva Laskani e Luiz Laskani Neto por honrarem e manifestarem o mesmo sangue dos nossos antepassados.

À Mel, que me adotou como parceira de vida e me ensina sobre o amor e cuidado todos os dias com seus olhares meigos e lambeijos agradecidos.

À Pedra do Baú que me emprestou sua beleza e sabedoria na escuta deste chamado.

Ao passarinho que me sensibilizou sobre a morte ao bater em minha janela.

À Acací Alcantara, por ter aceitado prontamente embarcar nesta aventura imprevisível me orientando com paciência e generosidade.

À Fátima Sta Rosa pelos poemas, companheirismo e os “abraços dos nossos”, figura potente no encerramento deste ciclo.

À Paula Serafim Daré a quem devo a honra pelas leituras carinhosas de meus textos e agora testemunha de encerramento da minha formação como analista.

Ao Eduardo Endres Vargas, por estar ao meu lado durante a tecelagem desta malha vislumbrando rearranjos e projetos em parceria de vida.

Às irmãs de alma Amirah Adnan Salman, Clarissa Chamette, Fernanda Gomes de Carvalho, Lina Paola Gómez e Renata Bellaver Correa pelas confluências geográficas e territoriais pautadas no amor, amizade, dores e escutas sinceras.

Às queridas amigas e companheiras de jornada, leitura do trabalho e pitacos Cristina Maranzana da Silva e Luciana Ximenez pela sensibilidade e cuidado emprestada nos olhares, pelas indispensáveis trocas, sororidade, cantorias, balanços e abraços.

Aos parceiros e amigos de coreto, voz e violão, fundamentais nesta artesanaria, Patrícia Martins, Gustavo Wickert, Adriana Guimarães Burani, Carmen Lívia Parisi, Maurício Santos, Marcus Quintaes, Pedro Perússolo, André Dantas e Guilherme Scanducci.

Aos amigos de turma do IJUSP, Adriana Politi, Daniel Vargas, Francine Nunes Ferreira, Luciana Geocze, Márcia Rocha Pacheco, Pitágoras Báskara Justino e Priscila Tessicini pelos encontros-devaneios, húmus essencial de todas as quinta feiras e então.

À grande egrégora IJUSP com seu clima de envolvimento e amizade, em especial à Zilda Maria de Paula Machado, Renata Whitaker Horschutz, Durval Luiz de Faria, Ricardo Pires de Souza, Carmen Lúcia do Carmo Marquez, Márua Roseni Pacce, Arlete Dall'Acqua Lopes, Patrícia Eugênio, Vivian Lerner, Cristiane Adamo, Denis Canal Mendes, Neusa Vaz Macia, Mariana Laham, Silvana Parisi, Eugênia Cordeiro Curvelo, Silvia Eugenia F. Graubart (in memoriam), Virginia Sant'Anna, Rubens Bragarnich, Carla de Almeida Pereira e Tatiana Maria Sanchez.

Aos amigos e colegas do Departamento de ecopsicologia, em especial à Fabiana Lopes Binda Grazi, Marco Aurélio Bilibio Carvalho e Isabella Saffe, fundamentais para compor laços do tamanho da Terra.

À Natália Bianchi pelos sambas, profunda amizade e partilhas junguianas.

Às minhas amigas Bettina Schaefer, Isabella Lumare e Thalita Arruda por dividirmos espaços desérticos e riquezas do subsolo.

À Pedro Henrique Bellaver Correa (in memoriam) por me ensinar cedo sobre as vicissitudes da morte.

À Fernando Graubart, prova viva que relações podem se tornar rearranjos outros.

À Célia Brandão pela escuta, acolhida e precisão durante os intensos percalços de jornada da alma.

Por último, e não menos importante, aos pacientes e parceiros primordiais nesta travessia.

**“No princípio tudo era movimento.  
O primeiro camaleão abriu os olhos e disse:  
Tudo o que é vivo e também morto transmuta.”**

Mutação de apoteose,  
Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona

## **RESUMO**

O pensamento ecológico junguiano permitiu expandir a noção de psique para além da exclusividade humana, fora do espectro do Anthropos. Coloco em destaque as pedras e os minerais que nos convidam para uma descida ao subsolo psíquico junto aos

mortos e aos fósseis. Apesar de retratarem substâncias consideradas sem vida, agem psiquicamente na massa indiscriminada do inconsciente e no invisível nos forçando a ouvir os seus lamentos e desejos.

Busco enfatizar a necessidade de romper com barreiras e favorecer ampliações de consciência para o reconhecimento da pluralidade nas formas de existência humanas e não humanas propulsores de transformação ativa da paisagem e dos corpos em um emaranhado de contribuições interespecies, além o de rasurar as padronizações empobrecedoras de mundos.

A tarefa fundamental deste trabalho é, portanto, falar sobre a potência do fracasso e da lentidão, e o reconhecimento da fertilidade do subsolo do reino dos minerais e da Não Vida no encontro arquetípico com os mortos. Procurei também enriquecer as figuras imaginativas com geontologias para combater visões de mundos atuais que elegem figuras restritivas de governabilidade e poder sobre outras formas de existência. Acredito que para a nossa sorte, debaixo da terra estremecida vivem as forças mais antigas e ancestrais de Geos, onde aconteceu o primeiro milagre da Vida que brotou da Não Vida. Ser pedra nos permite imaginar através de um olhar que enxerga na escuridão o potencial lento e criativo de transformação do aparentemente inerte.

**Palavras-chave:** psicologia analítica, geontologias, minerais, lentidão e morte.

## **ABSTRACT**

The Jungian ecological thought allowed us to expand the notion of psyche beyond human exclusivity, outside the spectrum of Anthropos. I highlight the stones and minerals that invite us to delve into the psychic underground alongside the dead and fossils. Despite portraying substances considered lifeless, they act psychically on the

indiscriminate mass of the unconscious and the invisible, forcing us to listen to their laments and desires.

I seek to emphasize the need to break down barriers and promote expansions of consciousness for the recognition of plurality in human and non-human forms of existence, drivers of active transformation of the landscape and bodies in a tangle of interspecies contributions, in addition to erasing the impoverishing standardizations of worlds.

The fundamental task of this work is, therefore, to talk about the power of failure and slowness, and the recognition of the fertility of the subsoil of the kingdom of minerals and Non-Life in the archetypal encounter with the dead. I also sought to enrich the imaginative figures with geontologies to combat current worldviews that elect restrictive figures of governability and power over other forms of existence. I believe that fortunately for us, beneath the shaking earth live the most ancient and ancestral forces of *Geos*, where the first miracle of Life that sprang from Non-Life took place. Being a stone allows us to imagine, through a gaze that sees in the darkness, the slow and creative potential for transformation of the seemingly inert.

**Keywords:** analytical psychology, geontologies, minerals, slowness and death.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO – UM COVITE .....</b>           | <b>10</b> |
| <b>2 QUEM É GEOS .....</b>                      | <b>14</b> |
| <b>3 GANHANDO CHÃO, PERDENDO-SE DE SI .....</b> | <b>35</b> |
| <b>4 DESENTERRANDO OS OSSOS .....</b>           | <b>50</b> |
| <b>5 SAUDAÇÃO AOS MORTOS.....</b>               | <b>67</b> |
| <b>6 CONCLUSÃO.....</b>                         | <b>71</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                        | <b>78</b> |



## 1 INTRODUÇÃO – UM COVITE

“Para el que mira sin ver  
La tierra es tierra nomás...”  
Don Atahualpa Yupangui

Produzir um trabalho de formação de analista junguiana significa escolher um tema que te transpasse. Espera-se que faça parte do seu processo de individuação. Uma escrita mútua sobre temas vivenciados e carregado de afetos, algo que te escreva no mesmo passo em que é escrito. Depois de muito deixar me perder nas ideias, fui tentando encontrar as palavras para me aproximar do que me atravessa constantemente. A relação com as vidas mais do que humanas e seus campos psíquicos e afetivos ressoam, algo me diz instintivamente que a noção de saúde extrapola o corpo, os humanos e a ausência de sintomas. Descobri durante a formação de analista junguiana as pontes entre psique e natureza, ou melhor dizendo, a indissociada psiquenatureza. Os pensamentos ecológicos junguianos e pós junguianos me ajudaram na expansão da noção de psique para além da exclusividade humana. Depois de escrever sobre animais não humanos e a vida psíquica dos vegetais, coloco desta vez em destaque os minerais que nos convidam para uma decida ao subsolo psíquico dos fósseis. Apesar de retratarem substâncias consideradas inanimadas no imaginário, des-pró-vidas, sem vida, agem psiquicamente na massa indiscriminada do inconsciente e no invisível nos forçando a ouvir os seus movimentos, misturas, lamentos e desejos.

O modo como foi padronizado e instituído o que significa Ser humano implica imagetivamente a tentativa de manter um abismo fictício entre as espécies, garantindo a exclusividade de poder sobre tudo aquilo que foge da imagem e semelhança do homem “evoluído e civilizado”. Meu empenho durante a formação de analista tem sido o de enfatizar a necessidade de romper com essas barreiras e favorecer ampliações de consciência para o reconhecimento da pluralidade nas formas de existência humanas, não humanas e mais do que humanas como capazes de atividade psíquica inteligente e afetiva, propulsores de transformação ativa da paisagem e dos corpos em um emaranhado de contribuições interespecies, rasurando as padronizações empobrecedoras de mundos e entre-mundos.

Um tema que me é caro, e que exigiu que no meio do caminho fossem convocadas mudanças de planos que eu não tive alternativa senão escutá-las. A proposta anterior para o meu trabalho também se referia a minério, mas me senti cedendo ao extrativismo forçado me impondo a escrever sobre algo que estava completamente empedrado. Sentia-me produzindo sem sentido, extraindo ouro à mercúrio e contaminando o fluxo dos rios, então preferi deixar-me ser guiada pelas vozes do Não Vivo, pelas vozes dos minerais e dos fósseis. Percebi que era uma trajetória que saía da superfície e do visível sentido ao intraterreno, ao invisível e aparente imobilidade. Não foi exatamente uma escolha, tive que me entregar para uma espécie de paralisação em movimento.

Validar a energia psíquica parada em movimento me lembrou do termo *Festina lente* que quer dizer em latim apressa-te devagar, uma saudação ao vagaroso, à lentidão do cuidado. Ouvi como uma convocatória para a descida e foi preciso ser pedra no seu tempo medido em eras ou *éons* para conseguir chegar mais próximo de uma escrita (não)vivencial, convocatória para o movimento do Não Vivo, que passa longe de ser inexistente ou inerte. O que Jung nos ensinou sobre o tempo da alma é que é preciso deixar-se guiar por uma convocação anímica que age como psicopompo para um lugar incondicional, desconhecido e inconsciente (Jung, 2012d). Movimento que tomei como uma carta/ingresso vinda de Geos, um tempo anterior à dicotomia vida e morte que explicarei mais para frente sob o olhar aguçado da filósofa e antropóloga Elizabeth Povinelli.

Tive que lidar com sentimentos de insatisfação e fracasso diante do chumbo que pesava meu corpo e mente vagarosamente trabalhando. Não bastava escavar e arrancar o que há por de baixo da terra, eu precisei descer e ser pedra, junto aos ossos e minerais. Que só a perspectiva dos minerais, das pedras e dos fósseis me ajudaria a reconhecer a presença que existe no reino dos mortos. Escutei o fracasso como convite à fenda que se abria sob meus pés. Cito Hillman (a) sobre o fracasso:

Esta abordagem investiga (analisa) o fracasso não para refazer o crescimento interrompido e sim para reconduzir os equívocos, erros e fraquezas ao âmbito do fracasso (ser o seu “psicopompo”), levando-o às últimas consequências, ou seja, à sua meta psíquica final, a morte. Com isso, todo engano da vida, toda fraqueza, todo erro na e da análise, em vez de serem corrigidos e deplorados, ou distorcidos com racionalizações, ou transformados e integrados, tornam-se vias de

acesso ao fracasso, aberturas por onde se inicia a reversão de todos os valores. Mais do que um bloqueio a Eros e ao fluir da vida, podemos considerar os fracassos como sendo constelados, pretendidos e até mesmo finalmente causados pelo mundo subterrâneo, que deseja que a vida apresente falhas a fim de que outras atitudes, regidas por outros princípios arquetípicos, sejam reconhecidas. (Hillman, 1981, p. 120).

A mudança de percurso repercutiu depois de um abalo estrutural na minha família que remexeu a ponto de desenterrar ossos, expondo boa parte do subsolo da base de sustentação. Foi assustador estar diante de uma dissociação, do desmembramento de um dos pilares da minha vida. Senti como se rasgassem a minha pele expondo as mesmas marcas nos ossos dos que já estiveram aqui antes. Um momento difícil, que me levou a suspender a passagem do tempo para lidar com calma e lentidão com o que aflorava por debaixo da pele/terra. Na mesma proporção de tristeza e desespero percebi a força do fenômeno do mundo subterrâneo que mais tarde poderiam servir para ampliar vozes e horizontes no meio da escuridão. O testemunho ultrapassava um caso pessoal de desintegração, que como um buraco negro suga tudo para dentro sem que possamos discriminar os fenômenos que estavam a se apresentar. Só me restou ouvir, sustentar a vida anaeróbica embaixo da terra e procurar lugares ósseos entre os mortos.

A tarefa fundamental deste trabalho é, portanto, escrever sobre o movimento da Terra e as experiências vividas no contato com o subsolo. Sobre a potência a partir da relação com o fracasso e da lentidão, e o reconhecimento do campo fértil dos mineirais e da Não Vida no encontro arquetípico com os mortos e sua massa indiscriminada. Para ilustrar o texto, contei com imagens e passagens da antropóloga Nastassja Martin e seus diálogos entre os povos indígenas *even* na península de Kamtchátka e os *gwich'in* no Alasca. Além disso, procurei também enriquecer as figuras imaginativas com *geontologias* no intuito de tensionar visões de mundo que elegem figuras restritivas de controle, governabilidade e poder sobre outras formas de existência.

Por maior que sejam os esforços para manter inativas forças vindas do psiquismo sombrio e subterrâneo, nós psis sabemos que não serão bem-sucedidos. Para o nosso desespero e sorte, debaixo da terra estremecida vivem as forças mais antigas e ancestrais do *Geothopos* (analogia ao termo *Anthropos* que significa Ser humano, a fim de validar a existência dos agentes minerais, Ser geo). Aquilo que tudo

viu e tudo fez, os únicos capazes de criar outros dos outros. Onde aconteceu o primeiro milagre da Vida ao brotar da Não Vida, ou da Não Vida que ocasiona o surgimento da Vida com suas tensões metamórficas. Ser pedra nos permite imaginar através de um olhar que enxerga na escuridão o potencial lento e criativo de transformação do aparentemente inerte. E é para lá junto aos outros e velhos desconhecidos que te convido a descer e fazer do entre mundos um lugar para se relacionar.

## 2 QUEM É GEOS

Quando a gente confluncia, a gente não deixa de ser gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. (Bispo dos Santos, 2023, p. 15)

O imaginário moderno coletivo há séculos vem centralizando seus esforços no reconhecimento do humano como o único dotado de vida psíquica e portador da capacidade de transformação das paisagens em novas versões de mundo. Um imaginário que permitiu uma postura colonizadora de outros corpos, guiada pela ideia fixa de unicidade levada às últimas consequências de extermínio e/ou usufruto do outro. Qualquer corpo que não compartilhe da ideia singular de humanidade da qual estamos falando, seria considerado outro e, portanto, disponível para ser dominado, utilizado, inferiorizado, pejorativamente denominado como primitivo, ameaçador, amaldiçoado ou até inimigo que em nossa cultura significa alguém que ameaça nossa integridade e deve ser, em razões de legítima defesa, eliminado ou limitado de poderes. Não se trata apenas do isolamento humano contra outras espécies e formas de existência, há no imaginário em questão uma forma ideal de humano inteligente cada vez mais diferenciado em sua razão que começa a desenvolver lógicas e racionalidades diversas em torno dos modos de fazer viver e dos modos de matar ou de deixar morrer (Giorgi, 2016, p.15). Como provocou Ailton Krenak sobre o privilégio de alguns humanos, ao se referir à uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida com a missão civilizatória de modernização, exploração e embranquecimento de uma *sub-humanidade que fica agarrada na terra*. (Krenak, 2019, p. 22).

Os que fazem parte e reproduzem esse imaginário humano específico investem coletivamente em fortes e muralhas para se manterem longe de qualquer paridade com aqueles que ameacem os valores estruturalmente padronizados como humanos civilizados e modernos, garantindo-lhes a autorização fictícia de domínio sobre os outros seres. Para a antropóloga Nastassja Martin (2023, p. 51), *toda colonização tem por objetivo pôr à disposição os seres e as coisas das áreas sitiadas, com o fim de tornar mais eficaz a exploração dos recursos cobiçados*. Contam com a colaboração completa dos povos que ocupam as terras em questão, ou pelo menos com a sua

pacificação. No cerne dessa raiz cultural estão as bases para preconceitos como fobias, racismos e especismos, quando se trata do controle contra outras espécies, gêneros e raças. Também servem como estruturas fundamentais para sistemas financeiros e políticos dependentes das outras formas de existência para lucrar como nos extrativismos predatórios, criação de animais e matadouros, monoculturas e mineração. Portanto, há um projeto político e de poder que assegura o *status quo* mental em função de manter o funcionalismo de mercado.

Antônio Bispo dos Santos, falecida liderança, pensador e escritor quilombola conhecido como Nêgo Bispo, abriu nossos olhos sobre o projeto colonialista de *coisificação* ao transformar indivíduos em *posseiros* (com posse) de terras. Conta que na década de 40 aqui no Brasil houve uma forte campanha para a regularização de terra com escrituras, enquanto os contratos orais das comunidades eram quebrados transformando o pertencimento de um povo às suas terras em posseiros de suas terras. Nêgo Bispo nos alerta que o plano colonialista vai sempre de encontro com a dominação enquanto fornecem nomes.

Jung não passou ileso com sua mentalidade embebida de caldos eurocêtricos ao se referir a povos originários como primitivos, dotados de uma consciência em desenvolvimento semelhante ao do estado infantil de ego indiscriminado do Self. Mas ao entrar em contato com culturas muito diferentes da sua abriu-se para o conhecimento de que algo no pensamento europeu civilizatório tinha se desgarrado de um saber que leva em consideração uma história muito anterior às palavras escritas ou contadas. Jung batizou de inconsciente coletivo cujo núcleo de todo arquétipo é psicóide e inalcançável pela consciência humana, e em torno orbitam imagens decorrentes de heranças culturais e pessoais. Entende-se como cultura tudo aquilo que faz parte de uma gama de símbolos e signos que compõe o imaginário construído por humanos ao longo da história, que constitui a ideia de Anthropos, o homem divino encarregado da coleção de todo esse mar de imagens, que leva o tempo de eras para serem modificadas. O autor foi entendendo a função da enantiodromia compensatória da consciência no contato com saberes do oriente e ocidente como complementares entre si. Ainda que de forma binária, enquanto no ocidente os indivíduos possuíam a capacidade de discriminação do ego, no oriente os diferentes povos dotavam do poder da dissolução do ego no contato com imagens arquetípicas de saberes milenares e profunda sensibilidade com o mundo natural,

capazes de uma *participação mística* com o mundo de outras existências terrenas, intraterrenas e transterrenas. Como podem perceber, mesmo que Jung se abrisse para a experiência de maravilhamento ancestral, a sua percepção europeia suíça contribuía para que esses povos ainda se situassem em um imaginário do exótico, do diferente tendo como ponto de partida o conhecimento investigativo do branco e europeu, que até hoje carregamos como referência central do conhecimento.

O projeto colonial do século XX, tem encontrado cada vez mais dificuldade de funcionar no modo de extermínio da época das grandes navegações e se veem cada vez mais obrigados a lidar de forma diferente com os “entraves do progresso”. Martin (2023) conta que durante a revolução da União Soviética, os indígenas foram valorizados dando-lhes um lugar de reconhecimento e aceitação. É nítido o tom sarcástico da antropóloga ao afirmar que tal atitude do Estado estava a serviço de integração dos indígenas ao projeto comunista. No Alasca, pertencente ao Estado Norte Americano, a autora percebe nuances distintas em forma do método soviético, porém similares na ideia de universalização, quando foi promovida a integração dos indígenas como produtores de riqueza natural e convocados a *participarem de um projeto comum na condição de atores voluntários de sua integração e/ou submissão*. (Martin, 2023, p. 52).

Felizmente muito tem se discutido e estamos diante de rupturas ontológicas e quebra de paradigmas cristalizados garantindo maiores aberturas para a escuta de outros mundos imaginativos. Atualmente tem crescido a tensão entre diversas áreas do saber com a abertura para o crescimento de publicações de intelectuais que não se baseiam inteiramente em conhecimentos eurocentrados ou norte globais que por muitos séculos foram considerados os únicos capazes de produzir ciência e saberes. Mesmo que timidamente, muitas editoras, canais de comunicação e espaços acadêmicos tem disseminado conhecimentos e dado visibilidade aos que ampliam a noção de consciência para visões menos antropocêntricas e saberes mais ecocentradas, superando os limites psíquicos humanos, se abrindo para um olhar mais animista e ampliado do mundo. O perspectivismo ameríndio divulgado por Eduardo Viveiros de Castro marca o rompimento do modo tradicional da antropologia que captura e estuda o exótico pelos olhos do branco ocidental e propõe mudanças ontológicas necessárias de substituição e/ou inversão de olhares incluindo como objeto de estudo, o branco, além de validar outras ontologias capazes de reconhecer

humanidade (particularidade, sistema de crenças e pensamentos) em todas as formas de existência. Eduardo Viveiros de Castro (2018, p 225-227):

Uma expressão prototípica de Outrem na tradição ocidental é a figura do Amigo. O Amigo é outrem, mas outrem como “momento” do Eu... Ora, o problema liminar colocado por qualquer tentativa de identificar um equivalente ameríndio para “nossa” filosofia é o de pensar um mundo constituído pelo Inimigo enquanto determinação transcendental. Não o amigo-rival da filosofia grega, mas a iminência do inimigo da cosmopraxis ameríndia, onde a inimidade não é um mero complemento privativo da amizade..., mas uma estrutura de direito do pensamento, que define uma outra relação com o saber e um outro regime de verdade: canibalismo, perspectivismo, multiculturalismo... O animismo, levado às últimas consequências, como só os índios sabem fazê-lo, é não apenas um perspectivismo, mas também (se me permitem o trocadilho infame) um inimismo.

Para o povo Tupinambá a terra é plural e coletiva, nos diz Glicéria Tupinambá (2023). Quando um inimigo é capturado, é trazido para a aldeia para se casar, ter filhos e conviver com eles durante sete anos com o intuito de passar seus conhecimentos adiante, e depois é realizado um ritual em que é concedido o direito ao choro e despedida no seu velório em caso de sacrifício. Entendem a antropofagia como a possibilidade de um novo início para que o povo nunca termine por falta de movimento. Segundo Glicéria, os Tupinambás trabalham com a ideia de mistura e diversidade.

Portando, o sentido de inimigo pelo perspectivismo ameríndio citado pelo antropólogo é aquele que inaugura múltiplas dimensões de territórios imaginativos provocando um enriquecimento cultural pela fissura do diferente. Como Foster (2011) nos conta, a humanidade só pode desenvolver conhecimento de si na relação com o *Outro*, sendo o *Outro* a natureza. O animismo como caminho para transcender cosmovisões unívocas, que de certa forma Jung já intuía sobre a necessidade de expansão e transcendência do Self.

Através dos estudos alquímicos com influência da filosofia neoplatônica, Jung se deparou com o conceito em latim de Anima Mundi para responder os seus anseios e expandir territórios de conhecimento restritos à subjetividade humana. Segundo Tacey (2009), Jung se incomodou e se empenhou para abalar a separação entre o espírito e Terra. Na visão junguiana a alquimia surge do resgate de saberes ancestrais para compensar a negação de uma matéria almada decorrente de preceitos

judaicocristãos (Jung, 2012a, v. 13, §229). Tacey atenta-se ao fato de que Jung reverteu o pensamento psicodinâmico da época para adotar uma visão de que a consciência era fruto do inconsciente e não o contrário. O olhar para a psique como algo amplo deu margem para que Jung suspeitasse que a psique não fosse exclusivamente posse da humanidade. O animismo não devia mais se restringir às projeções humanas sobre os objetos. A ideia de que criamos um inconsciente composto de resíduos recalçados foi aos poucos sendo rasurada e sendo entendida pelo autor como uma forma de preconceito do ego à dimensão desconhecida do inconsciente coletivo que tem como fonte o arquétipo psicóide ou ctônico, se referindo a um nível mental profundo préverbal onde matéria e psique se interpenetram (*unus mundus*) e que somente pode ser sentida de forma instintiva pelos seres ou no máximo simbolizada com imagens arquetípicas através de uma linguagem lírica, poética ou metafórica do “como se”. A incapacitação do acesso racional sobre essas imagens foi uma grande frustração de Jung na época por não ter conseguido introduzir esses conceitos com o rigor da comunidade científica que ainda hoje olha com desconfiança para a teoria.

Jung não estava apenas falando da percepção e capacidade adaptativa da psique ao ambiente, era sobre tentar explicar a influência da Terra na transformação das paisagens e dos seres e que para isso o autor recorreu ao conhecimento dos povos originários e suas ontologias profundas do mundo mais que humano. (Sabini, 2016, p.18)

Na fase animista, Jung primeiro dividia espaço com outros da antropologia acreditando que as forças advindas das religiões ditas como noturnas seriam projeções da psique no mundo inanimado, para depois entender como fragmentos da fantasia de mentes primitivas e infantis no sentido de estarem imersas no inconsciente coletivo e modos instintivos, como era também a visão de Freud. Na terceira e última fase mística pós-racional, Jung entende as imagens da Terra como sendo animadas, de símbolos e manifestações que precisam urgentemente de integração na visão moderna e científica (Tacey, 2009).

Jung se referia a um mundo dotado de alma, expressivo, capaz de se movimentar sem a necessidade da interferência humana, mas também através dela. Não mais um mundo naturalmente inerte, fruto de projeções e disponível para ser alterado e usufruído, muito menos como fonte de recursos para a construção de

mundos humanos modernos e utópicos, mas dotado de uma fabulosa multidão de universos ontológicos e sencientes que se expressam usando diversos caminhos como sonhos, sentimentos, instintos, eventos e movimentos. Uma psique do tamanho da Terra que não é em grande parte reconhecida, mas que emerge sem pedir qualquer licença.

Cabe assim repensar os modos humanos de estar no mundo para além do imaginário do homem moderno que se coloca no centro da criação. Os *Homo sapiens sapiens*, aqueles que possuem uma capacidade cognitiva como a nossa, existem há apenas 40 mil anos que comparado ao tempo da Terra de 4,5 bilhões de anos ou do universo com 13,7 bilhões de anos representa uma fração ínfima de tempo. Seríamos como nanovírgulas na história da Terra para nos dotarmos de tamanha importância. Junto à essa noção de tempo da existência da humanidade, a ciência vem descobrindo e comprovando curiosidades interessantíssimas sobre a inteligência e os modos vida não humanas. Por exemplo a capacidade mnêmica das plantas reagindo sensorialmente ao toque como forma de proteção, e ainda capazes de guardar informações passando-as adiante, da mesma forma como fazem os animais que ensinam seus descendentes os novos aprendizados. Na mesma pesquisa realizada com as plantas em questão, descobriu-se que ao constatarem que o fenômeno externo nada tem de ameaçador elas se tranquilizam e passam a mudar novamente de comportamento. Ou seja, para a nossa surpresa plantas aprendem, migram e possuem uma capacidade de sobrevivência invejável quando comparadas aos animais. As estratégias de proteção e comunicação entre raízes de árvores contando com a participação dos micélios, um dos filamentos do talo do fungo, servem para alertar sobre ameaças de predadores e podem servir como exemplo da inteligência presente no mundo vegetal (Mancuso, 2019). Entre os animais fica ainda mais evidente a resistência por parte de humanos imersos no imaginário moderno ao considerar expressões emocionais muito similares às nossas como respostas puramente instintivas, deliberadamente chamando-as de meros reflexos na recusa de considerá-las igualmente como emoções (Waal, 2021). Esta modernidade estrategista confirma a tese de Nêgo Bispo sobre a necessidade do colono em nomear como forma de dominação e não como validação.

São inúmeros os exemplos que temos para comprovar as similaridades e diferenças de manifestações de inteligência das mais diversas formas de existência,

coisa que a maior parte de povos que chamamos de originários já sabem através do seu modo empírico de observação agregando conhecimento a cada geração, e no contato com entidades e saberes ancestrais acessados por sonhos, cantos, rezas e rituais. Evando Nascimento no livro *O pensamento vegetal* sobre inteligência mais do que humana:

Apenas o antropocentrismo impositivo, fundado no privilégio da linguagem verbal e do racionalismo lógico, o referido logocentrismo, explica a cegueira perante inúmeros exemplos de inteligência animal e vegetal. Lembrando sempre que a alguns (poucos) animais há tempos já se atribuiu o fator intelectual, como macacos, golfinhos, papagaios, cães, elefantes e sobretudo corvos; mas para as plantas até recentemente esse conhecimento inexistia. Hoje há diversas pesquisas científicas envolvidas no aprofundamento da memória e da inteligência vegetal. Claro que a inteligência humana é incomparável; mas isso serve para todas as espécies viventes; a comparação intelectual entre elas será sempre injusta, pois privilegiará o modo de atuar de uma delas em relação à outras. (Nascimento, 2021, p. 91-92)

*E os elementos?* Pergunta Nastassja Martin ao questionar se o animismo comportaria a inclusão não só dos animais não humanos e plantas, mas se estaria disposto a avançar para além dos seres considerados vivos. Com o crescimento dos debates em torno do antropocentrismo, condições geossociais e mudanças climáticas a comunidade antropológica se abriu para questionamentos antes invisibilizados, o que não quer dizer sinônimo de inexistentes e sim latentes. Se prestarmos a devida atenção, todos os seres, entidades e elementos partilham da capacidade de metamorfosear, que, contudo, é desigual e característico de cada ser, entidade ou elemento nas suas inerentes temporalidades, formas e ritmos. (Martin, 2023).

Diante da ebulição de tensões e conflitos ontológicos, Elizabeth Povinelli foi uma grata e inquieta surpresa para auxiliar na compreensão de pontos de vista mais profundos e submersos. A filósofa estadunidense interessada em filosofias indígenas “foi levada a se transformar” em antropóloga por influência do coletivo Karrabing, um coletivo indígena composto por homens e mulheres de várias gerações da Península Cox no Território do Norte da Austrália, onde estão situadas poderosas empresas de mineração no meio de uma disputa de território conhecida como *Kembi Land Claim* que durou 37 anos para ser estabelecida como lei, no qual o povo aborígene *Larrakia* buscava obter o direito de habitar seu território. Aqui no Brasil o direito à terra para

povos indígenas e quilombolas foi estabelecido em 1988 na constituição e foi recentemente revisto com o então aprovado Marco Temporal (PL 490/2007), que criminosamente anula as demarcações de terras indígenas após a data da constituição nacional, e impede que novas demarcações sejam realizadas acirrando verdadeiras guerras por disputas de territórios. (Povos..., 2023)

Povinelli investiga o aparato crítico ocidental pela perspectiva Karrabing e busca evidenciar o avanço de um modo de governar que é simultaneamente multiculturalista e extrativista, aquilo que ela chamou de liberalismo tardio de ocupação. Indo mais a fundo na sua crítica, a autora não considera o *animismo* como um caminho eficiente de mudanças estruturais e práticas na forma como nos relacionamos com a Terra, ela o considera como um sintoma do sistema liberal tardio ao afirmar que o olhar animista não é o suficiente para garantir o respeito aos territórios e diferentes formas de existências uma vez que o próprio capitalismo enxerga tudo como potencialmente vital do ponto de vista do lucro, separando os existentes de acordo com o potencial desejado de extração... *(o capitalista) trata-se de um animista exemplar*, ela diz (Povinelli, 2023, p. 9). Em outras palavras, seria muito simples afirmar que para o capitalismo a matéria inorgânica se apresenta como mera matéria morta e sem valor, mas como poderosa fonte de energia. Nomeia essa forma sintomática de intencionalidade empreendedora e política de *geontopoder*, mecanismos do Estado que selecionam os que serão beneficiados oficialmente da posse de suas terras dependendo dos potenciais econômicos e minerais que prevalecem na região em detrimento dos interesses do Estado e do mercado, desconsiderando qualquer outro agente desejante. A lei aprovada na Austrália permite o reconhecimento dos territórios da população indígena mediante a demonstração de evidências de traços característicos temporais anteriores ao Estado colonial que comprove serem originariamente habitantes de suas terras, e como alega a própria autora, exige-se “um animismo inanimado, a afirmação de um território vivo que estivesse parado no tempo...um fóssil social.” (Povinelli, 2023, p.11) É resumidamente o que Povinelli chama da máquina de políticas liberais tardias de reconhecimento que impedem que povos ancestrais e seus conhecimentos possam se atualizar através dos Sonhares e tenham que se limitar somente ao material restrito ao passado, parado no tempo. Uma visão colonialista que enxerga o diferente pelas lentes do exótico selvagem a se desenvolver e modernizar.

Partindo da mesma constatação, a antropóloga francesa Nastassja Martin, que desejou conhecer cosmologias plenamente animistas ao vivenciar modos de vida junto aos povos indígenas do Grande Norte: os *gwich'in* no Alasca e os *even* na península de Kamtchátka do outro lado do Estreito de Bering, no meio do caminho foi obrigada a mergulhar na história colonial desses povos e nos contrastes entre a modernidade industrial e as preocupações com a situação ecológica com que cada grupo autóctone era obrigado a negociar com os seus Estados mesmo contra as suas vontades. Surpreendeu-se diante dos assuntos que as pessoas pertencentes a esses povos revelavam como os mais urgentes, ainda que no caso dos *even*, tenham retomado aparentemente sua vida na floresta após a queda do regime soviético. Aqueles dois territórios tinham coisas em comum, pois antes do Alasca ser nomeado como território norte americano, era de domínio russo e comprado pelos americanos como estratégia geopolítica com a finalidade de reservar “espaços vazios” em 1867. O território passou de zona militar russa onde eram realizados testes de armamentos e estoques de submarinos para um “ícone de natureza selvagem nos discursos do governo e nos imaginários dos cidadãos”, tornando um gigantesco reservatório de recursos naturais prontos para serem explorados e um posto avançado de vigilância. Perspicaz que é, a autora logo deduz que um território acaba refletindo a sombra do outro:

A midiatização atual e popular desses territórios o confirma: os políticos russos, como os americanos, se apresentam regularmente como defensores fervorosos da natureza selvagem quando se dirigem aos meios de comunicação e a seus concidadãos, porque o peso simbólico da ideia do selvagem que eles veiculam e associam a essas regiões emblemáticas – o Alasca para a América (do Norte), Kamtchátka para a Rússia – confere-lhes uma legitimidade “natural” sobre a qual se apoiar para implementar, paralelamente, políticas de extração de recursos – petróleo, gás, metais, mas também recursos pesqueiros e florestais – indispensáveis para suas economias nacionais. (Martin, 2023, p. 41)

Apesar das enormes semelhanças nas duas regiões e os contrastes e conflitos com as estruturas de governo, Nastassja ao chegar em Esso, vilarejo russo mais acessível a turistas que reunia muitas pessoas do povo *even*, percebe que os aspectos materiais das tradições dos povos originários são muito mais preservados do que no Alasca. Havia ali todo tipo de fabricação de objetos, vestimentas que são

usados nas danças e rituais xamânicos, além de um parque temático chamado etnoparque de Anavgai que vigoram o discurso atrofiado da importância dada à patrimonialização das culturas indígenas da região e que espalha por todos os lados centros turísticos russos que combina experiências selvagens mescladas com folclore, exalando orgulho da exploração de culturas fossilizadas. Tanto no Alasca com seus conflitos políticos de organização e gestão territorial entre apropriação de recursos e proteção ambiental, quanto na Rússia contribuindo para a manutenção de um povo que trabalha para a captação de recursos financeiros vendendo seus artesanatos e apresentado aos turistas os modos de viver de seus antepassados, “as problemáticas políticas relativas a “o que fazer com a terra” não são mencionadas, ou, em todo caso, ficam relegadas à autoridade decisória exclusiva do governo.” (Martin, 2023, p. 48)

Se trata de uma “tecnologia colonial” eficaz inclusive no Brasil quando em meio a tantas complexidades e particularidade de mais de 300 povos e linguagens distintas insistimos na simplificação que caiba no imaginário restrito de referenciais múltiplos para que passem as mensagens essenciais, e me incluo nisso. No caso do projeto socialista da União Soviética acabou se transformando na prova do universalismo soviético. Consideradas ainda culturas arcaicas, precisavam de modernização para ganharem o crédito de autenticidade da nação e para isso as culturas tradicionais deveriam ser minuciosamente selecionadas rumo à estandardização: as mais diferenciadas e menos habituais que não fossem radicalmente religiosas ficavam e assim tínhamos uma gama culturalmente de tradições purificadas para belos espetáculos aclamados pelo público. O que não se conta é que em meio a tantas performances e máscaras, os rituais que dialogavam com os outros não humanos eram cuidadosamente esvaziados de vínculo, organizando de forma inofensiva um universo colorido cultural, desprovido do social. A estandardização visava a redução de detalhes e de emergências improvisadas de relações interespecíficas tais como acontece no xamanismo, e agora tínhamos uma cultura que não mais se dirigiam aos não humanos, mas sim a busca incessante pelos olhos seduzidos dos humanos deslumbrados pelo “espetáculo primitivo e preservado.” (Martin, 2023)

Para que possamos superar essas formas de governar presentes mesmo em governos multiculturalistas e progressistas reflexo do modo de pensar vigente, é preciso que suspendamos a visão binária primordial que separa o mundo entre vivos

dos não vivos prejudicando principalmente o reino dos minerais e dos elementos. Martin (2023) cita Hallowell, que esteve junto ao povo *ojibwa* no Canadá, e em tom irônico se questiona sobre o motivo das pedras, trovões, rios serem considerados fenômenos geofísicos inanimados ou desprovidos de “recursos” (*affordances*) aos olhos da ciência moderna. Povinelli (2023) propõe então junto aos Karrabing, as geontologias no combate ao geontopoder que opera distinguindo em termos de importância fósseis de existentes e orgânicos de inorgânicos.

Elizabeth Povinelli (2023) presenciou o modo Karrabing de pensar os novos arranjos de existência, de cuidado e atenção demandados pelos seres totêmicos ancestrais através dos *Dreamings* (Sonhares) e influenciada pelo *durlgumö*, um não vivo com capacidade metamórfica, conhecido cientificamente como um fóssil de plesiossauro que se manifestou no Sonhar patrilinear do marido de uma amiga indígena. O Sonhar do marido de Binbin indicava um sinal ancestral de pertencimento ao local Belyuen onde foram assentados violentamente pelo Estado colonial no fim dos anos 1930, conectando o novo local ao solo de onde foram forçosamente removidos. Os *Dreamings* segundo Costa (2016 *apud* Povinelli, 2023) podem ser entendidos como pré-condição de toda matéria do mundo humano e natural estabelecida no passado ancestral, tornando o local sagrado ao indicar ações míticas dos seres dos *Dreamings* ancestrais de intencionalidade que se manifesta na atualidade. Em outras palavras, os *Dreamings* quando bem interpretados coletivamente são sinais, intensões e desejos que permitem condições de movimento, transformação e mistura de agentes.

Com base nisso, busco o aprofundamento sobre as relações outras que humanas, borrando as barreiras que existem entre humanos e não humanos. Somo para descer mais alguns degraus na tentativa de suspender as barreiras impostas entre os entre Vivos e Não Vivos, e validar a presença ativa que existe no reino dos minerais, das pedras, dos fósseis e dos chamados sem vida. A ruptura com o modo vigente de se pensar separado do restante do mundo convoca a “porosidade da alma” a fim de amplificar a capacidade de sentir e explorar novas maneiras de estar presente em novas variações de atitudes estéticas com o mundo, com tato no entendimento da linguagem do mundo. Importante dizer que não se trata de se empenhar e fazer dos mortos vivos, mas de estabelecer abertura para a “mais existência” (Despret, 2023). Tampouco, não se trata da negação da morte, mas a devolver para a esfera da vida,

como parte essencial de seu sistema. Ao invés de recorrer ao imaginário composto no sistema vida vs morte, busca-se o reconhecimento da porosidade entre as instâncias Vida (nascimento, crescimento, reprodução e morte – animais humanos e não humanos, vegetais) e Não Vida (matéria inorgânica, minerais, fósseis, elementos, ossos).

Os minerais são os principais objetos simbólicos de transformação alquímica. Os alquimistas desconheciam a real natureza da matéria e projetavam nela sua massa sombria afim de purificá-la e encontrar a sua essência. O curioso é que os alquimistas elegeram as mais variadas formas de substâncias e fenômenos do mundo natural como fonte de projeção, são eles os elementos como o fogo, terra, a água e o ar, os metais, os planetas, cometas e estrelas. Cada um desses agentes passa por operações alquímicas como a calcinatio, solutio, coagulatio, sublimatio, mortificatio, putrefatio, separatio, coniunctio para ilustrar um enorme sistema simbólico de operações, processos de transformações psicológicas e materiais. O alquimista experienciava suas projeções no que era próprio da matéria carregada de qualidade divina para terem seus segredos descobertos no mundo terreno, criando assim um elo profundo entre as divindades e o mundo. Através da obra, *opus* alquímica, alguns requisitos eram fundamentais como a paciência e a coragem dos alquimistas. A *opus* era considerada sagrada, requisitando uma atitude religiosa (*re-ligare*) e direcionada para dar à natureza condições que ela por si mesma demoraria muito tempo para fazer e se transformar, a *opus contranatura*. Aqui aparecem as intenções de cooperação do indivíduo para se atingir a consciência, um trabalho mútuo entre espírito e matéria para criar caminhos de diferenciação e transformação do mundo. Sonhavam em transformar chumbo em ouro para chegar à verdadeira essência da matéria de sabedoria divina, a Pedra filosofal (Edinger, 2006). O que diferencia os alquimistas de outros químicos e físicos da atualidade científica é que com o passar do tempo, movimentos iluministas foram buscando cada vez mais a diferenciação e a especialização das áreas de conhecimento limitando-se na capacidade de reconhecer o poder transformador que a matéria exerce sobre aqueles que acreditam estar conduzindo o experimento. Falando de outro modo, os alquimistas da idade média estudados por Jung reconheciam que nem todo o poder estava em suas mãos, nem tudo era consciência e muito menos controlável, sabiam que estavam na mão do

improviso, do desconhecimento do tempo, e da falta de garantias e resultado. Não existe *opus* sem transformação mútua dos agentes. Nas palavras de Jung:

O lápis não é somente uma “pedra”, mas, segundo é claramente constatado, compõe-se de “re animal, vegetabili et minerali” (coisas animais, vegetais e minerais) consistindo de corpo, alma e espírito; ela cresce a partir da carne e do sangue. (Jung, 2012b, v. 12, §243)

Alquimistas e substância nunca saem ilesos da experiência e se igualam em termos de importância no acontecimento da obra alquímica, assim como faziam os *even* nas relações interespecíficas e suas coevoluções nutridas por longos períodos em coparticipação com o mundo e suas ritualísticas no intuito de estabelecer e aprofundar relações com o mundo mais que humano, dirigir-se aos elementos através dos animais, enquanto nós imersos no imaginário europeu sofreremos do que a autora chama de “complexo de Prometeu” e sua necessidade de intelectualizar o fogo (Martin, 2023).

Jung farejava que algo acontecia fora das janelas dos consultórios na manifestação da *Anima Mundi* e suas sincronicidades. Hillman e os pós junguianos também se atentaram ao perigo da literalização da matéria, visão que vínculo implica em desenvolver uma realidade psíquica com o mundo. Nem todo chumbo era chumbo e era preciso diferenciar o ouro filosfal do ouro vulgar para que nossa fome insaciável não queira se limitar a comer as entranhas do mundo literal e físico para se fundir a ele. É preciso se diferenciar e se unir em trocas antropofágicas junto ao mundo em devir, tanto no compromisso com a perpetuação no lugar por meio de atenção mútua, quanto na aceitação da capacidade metamórfica dos agentes. O problema é que intencionamos que as coisas estejam mortas para que possamos controlá-las, matamos os mortos e a Não Vida na tentativa de torná-los inertes. Passados anos da psicologia analítica metaforizando a matéria, sabemos que não tem sido o suficiente para desinverter os valores de tudo aquilo que está por de baixo do subsolo como recursos e fonte de energia. Toda essa matéria tem sido valorizada comercialmente ou sacralizada como o lugar de retorno de nossas origens e que devem ser preservadas a seu modo mais “natural” possível, as tornando fósseis vivos afundados em melancolias nostálgicas de paraísos perdidos. Portanto, o convite é para que possamos inaugurar novos campos simbólicos, imagéticos, ontológicos,

geontológicos e filosóficos para que diante da matéria literal como seres compostos, sejamos capazes de produzir modos singulares e políticos de existência para o reforço no combate às fomes seletivas do liberalismo tardio de que Povinelli nos alerta, sem que tenhamos que dar vida aos objetos para que sejam valorizados todos aqueles que representam algo materialmente inerte por nossa falta de capacidade de entendimento do movimento e tempo geológico. É importante que reconheçamos o valor do vagaroso, o movimento das pedras, dos fósseis e dos elementos como algo atuante neste tempo e para este tempo, e não como museus e mensagens do passado a serem desvendados para o conhecimento humano, não como algo que viveu, mas que se manifesta no agora mesmo que imperceptível a olhos nus, limitação que nos impede de atenção mútua com o que está fora de nossas referências. É preciso aterrar de vez como nos provocou Bruno Latour (2020) em seu livro “*Onde aterrar?*”, literalizar sem perder a capacidade imaginativa fazedora de novas relações, se abrir imageticamente para os Sonhares dos fósseis e manifestações, flexibilizar a necessidade do ego em separar o que é simbólico de literal, matéria de imaginação, vivo de não vivo, ativo de inativo. Poder enxergar a matéria como fonte de possibilidades de rearranjos de existência. Bruno Latour:

O solo permite se vincular; o mundo, se desprender. A vinculação é o que permite sair da ilusão de um Grande Exterior; o desprendimento, o que possibilita abandonar a ilusão das fronteiras. Esse é a nova estratégia a ser calculada. (Latour, 2020, p. 85).

Para ilustrar mais nitidamente o que seriam geontologias eu gostaria de contar a história de Tjipel. Tjipel hoje é um canal no norte da Austrália onde uma bela jovem está deitada de barriga para baixo. Ela chegou ao canal usando vestimentas típicas masculinas e instrumentos de caça segurando um *wallaby* alvejado (uma espécie de canguru pequeno). Quando a adolescente estava passando pelo encontro de dois pontos costeiros foi avisada por um pássaro sobre a chegada de um homem velho que vinha em sua direção. Rapidamente a bela jovem deitou-se de bruços para esconder as partes que denunciavam seu corpo feminino, e então o homem pensando se tratar de um jovem rapaz insistiu que cozinhassem juntos o wallaby. Tjipel tentou se fingir de doente para afastá-lo e o velho cansado de esperar foi embora levando o animal morto até ser avisado por outro pássaro que se tratava de uma bela

adolescente. O velho homem retornou ao local correndo e lutaram até ele vencer fazendo com que ela permanecesse ali violentada. Tjipel é a própria jovem e o canal, que divide e conecta os limites dos dois trechos territoriais, línguas e grupos sociais. Segundo Costa (2016) depois do estupro, Tjipel se tornou uma enseada na Ilha Northfolk situada na divisa entre Austrália, Nova Zelândia e Nova Caledônia. Conta a história, que é passada de geração em geração, que o encontro da jovem vindo do Oeste com o velho homem constitui a topografia do local, demarca e une um lugar a outros, o que era antes em relação ao agora, considerando as múltiplas pegadas que aquele território carrega de todos os outros seres ancestrais que passaram por ali e esperando os novos sonhos e atitudes que a reconfigurarão, sem a menor pretensão de se fixar, de impor ordem de fatos ou de quantidade de agentes.

Percebam que a preocupação dos contadores dessa história não é sobre o nascimento ou morte de Tjipel, nem como começou ou emergiu algo, sobre o começo de tudo, ou ordem de chegada das entidades. A família Yilgi e seu grupo pertencentes aos Karrabing pretendem aprender com Tjipel um modo de existência fruto de encontros e acontecimentos, no qual as questões centrais estão na observação e interpretação da sua direcionalidade, para onde é direcionado o movimento; suas orientações, manifestações resultantes de interpenetração de substâncias como sangue, suor, toxicidades e suas indicações se os deslocamentos estão sendo reconhecidos territorialmente, ou seja, como as formas de existência reorganizam as paisagens, apontam caminhos se são ou não adequados, demonstrando sinais do seu foco mental e desejos envolvendo também os que observam; e conexões, o quanto ela se estende para outros seguimentos geontológicos regionais com quem ela estabelece relações. Se atentam às diferentes respostas para diferentes ações humanas retendo ou retribuindo com oferendas como por exemplo alimentos, ou abrindo caminhos. Em outras palavras, se alguém quiser saber mais sobre Tjipel é recomendado que vá diretamente se relacionar com ela, fazendo-se possível múltiplas formas e versões de Tjipel capazes de dividir, conectar e estender a outras geografias e biografias. Quanto mais se trabalha a favor de Tjipel mais profundamente conhecemos seus modos possíveis de existência e de quem a observa. Tjipel e seus parentes fazem parte de um arranjo de trocas e cuidado mútuo, e se algo abalar essa estrutura não resultaria necessariamente em morte, mas Tjipel viraria as costas como resposta provocando um rearrajamento de existências que podem ser inamistosas

para os humanos. Portanto, ao invés de encararmos como fim de uma vida ou fenômeno, as passagens de um estado para outro são tidas como mudanças morfológicas que permitem que ela exista de outra forma.

Ela se tornaria o Deserto para a família, mas não como algo estéril ou inerte, e sim algo que, por meio das remoções ativas das condições de existência de quem a negligenciara, resulta na transformação da família em algo distinto também: em minerais mumificados. (Povinelli, 2023, p. 156).

Sendo assim, Tjipel é um exemplo daquilo que está disposto a expandir sua capacidade de expressar normas, dar e receber formas, construir ou destruir-se em uma gama de possibilidades de ações ao mesmo tempo que nos impossibilita traçar onde começa e termina Tjipel em sua anatomia geneticamente variável que não se encerra na *pele*. O que faz de Tjipel “isto” é uma composição de entidades mutuamente orientadas a produzi-la como experiencial, o movimento dos bancos de areias, os peixes no curso d’água, ostras na luta para se manterem presos nos recifes. Povinelli a compara como um pulmão em relação ao corpo que se encontra mais fora do que dentro que se empenha em preservar e expandir enquanto os agentes mantiverem sua relação de troca. “Ela pode não ser um organismo, mas aparenta ser um agenciamento (uma condensação e uma congregação - Povinelli usa o conceito de agenciamento de Jane Bennett) de substâncias vivas e não vivas – aquilo que o termo “ecológico” deveria englobar” (Povinelli, 2023, p. 165).

Assim como Tjipel e a filosofia Karrabing que entende o rearranjo da autodestruição como falta de troca de atenção e cuidados virando as costas para com aqueles que um dia estabeleceu vínculo, Izaque João professor de seu povo Kaiowá, explica que a ideia de extinção para eles tampouco faz sentido. O desaparecimento de uma espécie ou agente acontece devido ao recolhimento do exemplar da Terra pelas divindades por falta de ritualísticas de devoção e agradecimento chamados *jehovasa*, levando com os exemplares “extintos” os seus conhecimentos. Conta também que é possível trazer de volta plantas, pássaros, peixes e outros levados da Terra através de um canto específico *omopyrũ* (“vou trazer de volta”) desde que haja um ambiente propício como berço para receber as novas velhas espécies.

Há dois modos de compreender o mundo que Nêgo Bispo classifica como o “saber orgânico” e o “saber sintético”. “O saber orgânico é aquele que se desenvolve desenvolvendo o ser, o saber sintético é o saber que se desenvolve desenvolvendo o ter.” (Carnevalli (org.), 2023, p. 12). Designa a operacionalidade de pensamento do modo sintético aos *colonialistas*, e que engloba o modo como pensamos, produzimos, escrevemos e nomeamos, impondo o valor da posse sobre o valor da existência. O mundo sintético no impulso para ter acaba comendo a si próprio, se autodevorando ao mesmo tempo que se apavora diante da possibilidade de fim de mundo. Nêgo tensiona sua fala ao afirmar que enquanto o mundo predominantemente sintético pensa estar chegando ao fim, lidando como limitações de um mundo que precisa sempre se manter igual, o pensamento *orgânico* percebe o movimento e rearranjos como possibilidades para novas *confluências*. Explica o que seria a *confluência* a partir da observação das águas dos rios terrestres que se misturam traçando novos caminhos, mutações, cores e outras geografias. Chama a atenção para o mecanismo da *transfluência*, um aprendizado ainda mais profundo de sabedoria que chegam a partir *dos rios do céu*, que lhe custou mais para observar e aprender. Se trata de saberes capazes de viajar por distâncias continentais como fazem os rios voadores, são as cosmologias voadoras resistentes a qualquer tentativa de dominação e extermínio. As cosmologias são as verdadeiras escrituras de seu povo, que contam sobre quem são e os ditos de como se relacionar com a terra confluindo o povo quilombola com outros povos indígenas que já estavam no território quando os africanos foram forçosamente trazidos para cá junto com seus outros modos de pensar orgânicos... “porque o nosso território não é apenas a terra, são todos os elementos.” (Carnevalli (org.), 2023, p. 15)

Sabemos que o imaginário da cultura dominante não está baseado em ontologias de povos originários como vimos um breve recorte dos quilombolas, dos Kaiowás, Tupinambás, Even, Gwich'in ou Karrabing, e certamente Tjipel nunca seria considerada um “eu” ou colocada no lugar de sujeito “isto” implicando algum tipo de contorno ou pele imaginária criando uma compreensão de unidade. Outro argumento dado por aqueles dotados de poder universalizado culturalmente é que sujeitos devem possuir intenções e propósitos. Argumentam que para se ter capacidade de decisão é preciso uma mente, ter intenção significa ser capaz de explicar para onde estão orientadas suas ações. Obviamente, a partir do ponto de vista dominante, animais não

humanos e plantas não são capazes disso, muito menos os minerais, formações geológicas e meteorológicas.

Na tentativa de confrontar o *status quo* é preciso questionar a necessidade de garantias de intenções, propósitos ou mesmo a classificação de organismos. Tanto formações geológicas quanto a vida biológica, desde os unicelulares até os multicelulares, parecem estar sendo encaradas como uma série de substâncias entrelaçadas num conglomerado de ações cruzadas. Tudo cria seu próprio jeito de *fazer ruído, de decompor ou de criar morada parasíticas*. (Povinelli, 2023, p. 168). Tudo cria e é criado o tempo todo se multiplicando à medida em que cada arranjo define e é definido como um tipo de ser, um novo tipo de existência resultado de trocas recorrentes intercambiáveis, cujo a forma, direção e conexões orientam e possibilitam que os agentes se mantenham, se expandam ou se destruam abrindo possibilidade para uma nova forma de existência.

Diferentemente da filosofia ocidental que tende a interpretar essa ou aquela atitude como instância do que está à mão objetivamente, é no convívio com os outros que as *geontologias* ensinam sobre o dever de estarmos superatentos – não de forma paranóicas – porém com-penetrados para as manifestações e variações inesperadas que possam indicar novas formações de novos modos de existência que importam com o propósito de manter a orientação em direção a ter continuidade, como por exemplo o surgimento dos primeiros sinais de desertificação em territórios brasileiros no estado da Bahia (Cambraia, 2023). Quando se interessa pela alteração de alguma formação, é necessário seduzir, atrair, intencionar a parte daquele mundo para que ele se reorganize compondo na mesma direção, cuidando de interesse mútuo. Como presença, aquele mundo tem a alternativa de lhe virar as costas, e como resultado do incidente, você pode se tornar outro tipo de existência, se torna outro tipo de arranjo ou versão.

O ponto fundamental de Elizabeth Povinelli (2023) é de que devemos urgentemente abandonar o imaginário que coloca a vida como organizadora do que é válido, tem sentido e tem valor em contraste com outros metabolismos que não são considerados vivos, como no caso dos fósseis e minerais. Os vivos que fazem o metabolismo do carbono (nascer, crescer, reproduzir e morrer) acabam valendo mais do que outros modos de existência, o que ela chama sintomaticamente do *imaginário do carbono*. A autora sugere que no lugar do imaginário do carbono devemos adotar

a visão do movimento, coevoluções e da mistura para pensar o metabolismo dos seres, como fazem os Karrabing atentos coletivamente às manifestações que demandam ser atendidas e estão em constante avaliação se suas interpretações são coerentes a respeito delas. Leiam abaixo um trecho que descreve como é destinado a categoria de um Ser, um “isto” ou “eu” para um *monstro marinho*, o *durlgmö* que estava presente no Sonhar do esposo de Binbin relatado acima no texto, e que para nós imersos no imaginário eurocêntrico moderno seria um fóssil de plesiossauro, animal marinho que ao invés de atitudes de observação e interpretação das manifestações daquele território repleto de agentes desejantes, prontamente uma expedição para escavações no local seriam realizadas e os fósseis levados e colocados inertes em caixotes como objetos a serem dissecados. Binbin e sua parente se perguntavam se o *durlgmö* um dia avistado na infância permanecia lá no pontal rochoso ou se teria se mudado para outro lugar em função de ira ou ciúmes por não terem ido até o local fazia tempo. Para a alegria de todos, a autora conta que avistou o *durlgmö* quando foi coletar caramujos marinhos para o almoço enquanto as amigas cansadas preparavam o inhame. Comentavam uns com os outros que o *durlgmö* certamente estaria contente com a atenção voltada para ele sinalizando que não foi esquecido, garantido que fosse mantido por perto no aqui e agora. Leia-se:

[...] Essas declarações de negligência - declaração compreendida como expressão por meio de uma alteração material – criam, frequentemente, desertos, trechos áridos e ausências para sinalizar que uma forma de existência virou suas costas àquilo que trazia dentro de si, àquilo de que dependia, mas de que descuidou. Para evitar os efeitos maléficos do ciúme, era preciso demonstrar cuidado por meio do esforço de visitas, comentários e interpretações a respeito do desejo das coisas. (Povinelli, 2023, p. 108-109)

Em resumo, a autora formula sua teoria em contato com o coletivo indígena Karrabing no norte da Austrália que sofre como nós no Brasil com a exploração de suas terras e seus povos com modos abusivos de extrativismo e mineração mesmo com poderes de Estado considerados progressistas. *Chama de geontopoder - um modo de gerir o mercado e as diferenças que se fundamenta na separação da Vida e Não Vida, ou entre o vivo e o inerte – que se apresenta como local privilegiado de investigação* (Povinelli, 2023, p. 7). Povinelli atenta-se a sociedades humanas específicas que exercem poder sobre as outras sequestrando para si o conceito de

humano e de vida transformando todos os demais em fósseis, ou no caso dos *even* como espetáculo primitivo, uma vez que não validados em suas transformações ao longo dos anos, nas suas crenças nômades e de seus Sonhares. Povinelli chama atenção para o modo de governança de políticas liberais tardias que somente considera o passado ancestral de um povo se estiverem vivendo restritos culturalmente ao passado, impossibilitando que sejam reconhecidos no presente. O liberalismo tardio de ocupação, acaba se beneficiando do *geontopoder* baseado no imaginário do carbono para determinar os que podem habitar certos territórios e os que devem ser extraídos ou deslocados em função dos interesses do Estado.

É preciso suspender as subclasses de existência na sua unidade mínima entre vida e não vida que serve como base de argumentação de política ultrapassando os limites do biopoder de Foucault, que segundo a autora não é o suficiente nas suas três formas de poder - poder soberano, poder disciplinar e biopoder – funcionando apenas para a categoria humana enquanto ser vivo. Nas palavras de Povinelli:

[...] a soberania, a disciplina e a biopolítica exibem, estetizam e publicizam os dramas da vida e da morte de modo distintos... a partir do século XVIII, as ciências antropológicas e físicas vieram a conceituar humanos como uma única espécie sujeita à lei natural que governa sobre a vida e a morte de indivíduos e espécies inteiras. (Povinelli, 2023, p. 29).

Portanto nos é implicado ampliarmos o pensamento político com seus métodos foucaultianos do biopoder rumo ao geontopoder, que ao incluir agentes não vivos possibilita o questionamento da exploração de matéria, ideais e territórios ao modo colonizador de ser. Dito de outro modo, mesmo que o *ánthropos* tenha sido deslocado para um conjunto maior da vida que engloba toda a vida biológica, inclusive dando ao planeta o caráter de organismo vivo que vem sofrendo com o perigo de uma nova extinção em massa, ainda estamos aprisionados em um imaginário que divide toda a Vida (imaginário do carbono), da Não Vida, e precisamos retomar a abertura para um tempo anterior à dicotomia vida e morte, o tempo de Geos.

Não se trata de dar vida à matéria, mas de estabelecer ou intencionar uma relação com a possibilidade de uma mais existência, uma existência que vai além do que é vivo. Ir além do que o nosso imaginário pode alcançar é reconhecer a existência do mundo arquetípico da matéria, uma outra forma de imaginação psíquica que não

nos é própria e nem capaz de apropriação da consciência, mas nem por isso inativa, inexistente ou inerte. Possui um tempo outro de atuação e movimento de tal dimensão que não podemos, porém desejamos obstinadamente alcançar. Imersos na obsessão pelo controle do tempo de Geos, aprisionamos a matéria na incansável busca por fonte de recursos valiosos, vide o mercado como animista exemplar de que Povinelli fala; ou aprisionamos a ideia, animando os elementos dentro da nossa capacidade imaginativa, um tipo de animismo controlável e alcançável aos olhos dos humanos modernos.

O que não suportamos como seres vivos e mimados é lidar com aquilo que nos escapa da ideia de propriedade. Queremos enquanto *Anthropos*, divinificados e unificados, nos conscientizar de tudo o que há por debaixo da nossa pele/terra, queremos a capacidade de enxergar e nos apropriar do que é inalcançável, aquilo que Nastassja Martin (2023) chamou de “complexo de Prometeu” e sua insaciável fome por intelectualidade.

Geos não é somente onde moram os Não Vivos como é em si a Não Vida e suas manifestações que nos escapa de saber, aprisionar, explorar e conter. É imprescindível que expandamos as discussões para a influência psíquica dos Não Vivos e nos perguntarmos se os fenômenos geofísicos e suas paisagens não possam ter suas próprias humanidades (no plural) como capazes de particularidades nos seus modos de existência com seus próprios sistemas de crenças, cultura, pensamentos, memórias, experiências estéticas na troca com o mundo e agentes, assim como hoje reconhecemos todas as existências vivas e baseadas no imaginário do carbono de Povinelli. Geos é lugar de transcendência, trocas e misturas a ponto de gerar e interromper modos de existências. Para que possamos reconhecer sua capacidade de manifestar-se, rearranjar-se e escolher independente dos desejos humanos, precisamos expandir o imaginário paleontológico que debaixo da terra habita mais do que um museu de pegadas e restos inertes que servem como meras informações sobre o passado. Nos resta fazer alma com o inimaginável da matéria, fazendo-se necessário porosidade imaginativa no seu grau mais profundo; e que substituamos a animação da matéria pelo confesso movimento do Não Vivo habilitados em contribuir para a nossa espécie ou virar-nos as costas se assim melhor lhe servir.

### 3 GANHANDO CHÃO, PERDENDO-SE DE SI

Evitamos estar em consonância com Geos devido à nossa inquietação para sentir que temos em mãos o fogo divino, como fez Prometeu. Exalando poder e autoridade sobre a idealização da Cultura, do Mercado ou da Natureza, comemos a Terra para sentir que ela é nossa propriedade. Marcelo Gleiser diz em seu mais recente livro que consumimos as entranhas do mundo em um tipo grotesco de canibalismo para nos distanciar das nossas misteriosas origens, uma vez que:

O enigma de como a matéria não viva se torna viva permanece. Como um aglomerado de matéria inanimada, ao atingir certo nível de complexidade química, transforma-se numa entidade viva? Não sabemos ainda como pensar essa transição, como um punhado de compostos químicos se transforma espontaneamente numa entidade com autonomia e propósito. (Gleiser, 2024, p.180)

Igualmente fazemos suprimindo as forças do submundo existentes no nosso psiquismo e se esforçando ao máximo para que essas vozes se mantenham no silêncio inerte sem correr nenhum risco de ter abalada as estruturas do ego consciente adaptado ao mundo terreno que seguem as normatividades culturais do modo *standard* de vida do imaginário do carbono: vida (nascimento, crescimento, produção) vs morte.

Pensar a existência sob a perspectiva das geontologias nos auxiliam a lidar com a vida psíquica de um modo menos dissociado na divisão de conteúdos presentes na consciência e inconsciência. Não nos basta a ousadia de trazer conteúdos inconscientes para a consciência como modo de entendimento, familiarização e/ou esgotamento de complexos. As geontologias nos encoraja a olhar para os fenômenos psíquicos como algo mais orgânico e cheio de microorganelas em movimentação e relação, validar da forma mais radical possível a frase de Jung “A psique cria realidades todos os dias”, devolvendo a condição substancial aos agentes implicados e não meros depósitos subjetivos e imaginários presos no passado a modo de fósseis imaginativos. A psique cria realidade material e a matéria cria realidades psíquicas todos os dias. Sonhamos e somos sonhados, avaliamos e somos avaliados, interpretamos e somos interpretados por meio de manifestações, mudanças de direção, sonhos, sinais, sensações muitas vezes corpóreas, assombros e

maravilhamentos. Como é possível que tudo isso fique reservado como predicado da imaginação e subjetividade humana? Em outras palavras, o pensamento geontológico convoca para a suspensão de pensamentos sintéticos, usando o termo de Nêgo Bispo, que teriam dividido o sujeito entre mente e corpo, consciente e inconsciente, sujeito e mundo, dentro e fora, humano e não humano, sentido a um pensamento orgânico de confluências e transfluências, mais parecido com o fenômeno da sincronicidade ou o que Jung também chamou de arquétipo psicóide e sua massa indiscriminada entre psique e matéria. Sobre o arquétipo psicóide Jung diz:

[...] O arquétipo psicoide tem a tendência de comportar-se como se não estivesse localizado numa pessoa, mas como se estivesse agindo no espaço próximo ou mais afastado. Na maior parte dos casos, a transmissão do fato ou da situação se dá pela percepção subliminar de pequenos sinais de mal-estar. Os animais e os primitivos têm um sentido apurado para essas coisas. Mas esta explicação não serve para casos de conotação parapsicológica. (Jung, 2012c, v. 10/3, §851)

O estado de participação mística é o outro nome dado para a sensação de mistura entre os agentes de relação. Segundo Jung os povos situados fora do imaginário colonialista eurocêntrico ou de pensamento orgânico estariam mais próximos do acesso às imagens primordiais habitantes do mundo arquetípico. O problema é que ainda naquela época, o território imaginal de Jung o levava a pensar e classificar de modo sintético os povos ditos exóticos como mais inconscientes ou imersos em um estado primitivo do ego em formação como o de uma criança.

O convite então é bastante ousado, e pretende emprestar das geontologias o modo orgânico de pensamento para refletir sobre a psicologia analítica e arquetípica sem que tenhamos que mapear barreiras entre os fenômenos conscientes e inconscientes, vivos e não vivos, mas como misturas e agentes em relação. Ainda nas palavras de Gleiser sobre a matéria e suas fronteiras imaginárias:

[...] onde estabelecer a fronteira entre o vivo e o não vivo, dado que os dois são inextricavelmente conectados? O ar que respiramos, o calor que nos protege, a comida de que nos alimentamos, o bioma bacteriano que existe em nosso trato intestinal, tudo é parte de quem somos, e nós por sua vez, parte deles. A nossa existência se estende além do nosso corpo. O estar vivo, o processo da vida, necessita dessa conexão com o externo, tornando as fronteiras entre o vivo e o não vivo difusas, indistintas. Mesmo que saibamos intuitivamente

distinguir entre o “eu” que vive das “outras” entidades não vivas que nos circundam, essa distinção é ao mesmo tempo óbvia e pouco clara. Você sabe que você é você e não o ar que você respira ou a comida que você come. Mas você também sabe que está emaranhado com ambos e que você não pode ser você sem o ar e a comida que existem dentro e fora do seu corpo. (Gleiser, 2024, p. 181).

Para que possamos ver para além dos fósseis e das matérias ditas mortas, temos que substituir o modo exploratório de desvendamento para a abertura de uma escuta de sinais sem que o coloquemos numa perspectiva projetiva da alma humana. Assim legitimamos os agentes presentes, dissolvendo os contornos que separam cada um dos fenômenos na tentativa de dar nomes, pré-requisito da posse e dominação, para que os Sonhadores se manifestem livremente em busca de suas direcionalidades, orientações e conexões como aconteceu com o *durlgmö* citado por Povinelli (2023). A nossa escolha enquanto humano é puramente o aprimoramento da investigação para além da razão e da individualidade, pois uma imaginação sensorial atrofiada é o mesmo que a deficiência dos sentidos, que busca compensar com outros mecanismos formas de apropriação para si apoiado na ilusão da autossuficiência e no rechaçamento do outro enquanto divergente do imaginário vigente.

Quando a autora chama a atenção para o animismo como insuficiente e até sintomático do liberalismo tardio, ela quer dizer que propiciar, dar vida aos existentes, reconhecer a matéria como viva, almar o mundo ainda é estar sob o efeito do imaginário de que as coisas nascem, se desenvolvem, reproduzem e morrem, presente no imaginário do carbono, e que podem ser extintas a qualquer momento levando a uma emoção exagerada e catastrófica do fim do mundo. Povinelli, problematiza que talvez não devêssemos dramatizar tanto os eventos designados como o fim. Para ela, adotar uma postura mais investigativa, cuidadosa, atenta, menos paranóica, questionadora e sedutora perante as manifestações e estranhamentos abrir-se-ia para possibilidades de campos menos determinantes e empobrecedoras de mundo. O que estariam indicando os fósseis ou ossos com aquela aparição sobre os existentes agora? Seria uma erosão por conta das mudanças climáticas? Seriam ancestrais se fazendo visíveis? Para onde aponta o desejo daquele fenômeno? Segundo os Karrabing, diante de aparições, eclosões e ocorrências inéditas é preciso se reunir de forma investigativa para calcular todos os significados e reconhecer a vontade dos ossos e dos que ali presenciavam o fenômeno da aparição. Qualquer

fenômeno pode sinalizar a necessidade de atender algum aspecto da coordenação da existência, e é preciso estar bastante atento aos sinais. As pessoas embraquecidas, ou em embranquecimento (colonizadas no imaginário antropocêntrico sintético) estariam anestesiadas a ponto de não reconhecer a *sobredade (aboutness)*, a *direcionalidade (towardness)* e a *desejosidade (wantness)* não humanas. (Povinelli, 2023, p. 116)

Sonu Shamdasani (2015, p. 33) responde a Hillman: “Há uma corresponsabilidade com o que está acontecendo no mundo. E o problema é como reconhecer isto.”

Se trata de reconhecer a manifestação da matéria desejante da Não Vida. Extrapolar atropelamentos afetivos como fazem os complexos e seus atravessamentos, há na massa indiscriminada do mundo algo que fala através dos humanos e seus complexos, mas também apesar deles, ou sem eles. Fósseis e minerais desejam com, movem com, partem com e vinculam com, contando ou não com a presença dos humanos. Há muito do que escapa do Anthropos no mesmo passo em que acreditamos piamente estar nos esbaldando da servidão da matéria Não Viva. É bem possível que seja o oposto, que nós humanos estamos mais a serviço das trocas com elementos e matéria Não Viva do que “isto” servindo a nós.

Antes do mundo ser mundo aos olhos do imaginário humano, já existia um planeta muito mais antigo do que nossa capacidade imaginativa sustenta, por isso a Não Vida deve ser pensada como realidade de agentes capazes de transformação e vínculo e não como matéria morta decomposta e erosa. O tempo que rege a Não Vida é indecifrável para os olhos humanos, mas isso não quer dizer que não está ali, não exista, ou exerça influência. O vagaroso e a lentidão é decretada pela nossa percepção como falta de movimento, paralisação e inércia; enquanto *Festina Lente* (pressa vagarosa) é o termo renascentista para descrever o aspecto duplo e paradoxal do tempo, o velho e o novo sendo manifestados juntos (Hillman, 2008) como vimos no caso de Tjipel, um canal formado pelo encontro de uma jovem e um velho. É de uma prepotência sem fim acreditar que para permitir alguma existência é preciso que passe pela nossa avaliação prévia.

Ainda estamos situados no imaginário junguiano do Anthropos, o Homem que colecionou imagens desde suas primeiras pegadas e impressões que serviram de

base para o arsenal de imagens arquetípicas que Jung chamou de inconsciente coletivo. Jung era um estudioso dos símbolos e para nossa sorte como junguianos, não se limitou a ler fontes da sua época e povo. Buscando enriquecer sua coleção de imagens encontrou nos estudos alquímicos uma vasta fonte de imagens para estruturar o processo psicológico que tem como meta e finalidade a individuação. Com base em estudos empíricos Jung sabia que a individuação era apenas uma meta que segue um curso espiralar sentido a um centro que deu o nome de Si-mesmo ou Self, que segundo o autor carrega todo o potencial de imagens arquetípicas para a construção do Ser visando a integração do caráter em sua totalidade. Embora nem sempre a totalidade tenha seguido as mesmas regras, entre as características do Simesmo estão presentes imagens da quaternidade como produto espontâneo da psique, o que chamou atenção de Jung para a molécula do carbono que é caracterizado por quatro valências e ser o principal elemento químico da matéria terrestre presente nos organismos vivos e não vivos. Chega a afirmar numa interpretação mais materialista que o núcleo do Self seria a parte incognoscível da psique por se fundir com o corpo, com a matéria. Mas a preocupação de Jung é se manter no desenvolvimento de uma teoria que responde aos anseios da psicologia enquanto limitada na compreensão da psique humana subjetiva, atuando como porta voz das imagens arquetípicas da psique objetiva do inconsciente coletivo. (Jung, 2012b, §327)

Jung sobre mandalas, símbolos da totalidade, Self e imagens arquetípicas humanas:

Os paralelos históricos demonstram que o simbolismo do mandala não é mera curiosidade, mas sim um fenômeno que se repete com regularidade. Se assim não fosse, não haveria materiais comparativos. Pois bem, são justamente as possibilidades de comparação com os produtos espirituais (mentais) de todos os tempos e dos quatro cantos do mundo que nos mostram com clareza a importância imensa que o “consensus gentium” (universalidade) atribui aos processos da psique objetiva. (Jung, 2012b, §331)

Como foi dito anteriormente no texto, os tratados alquímicos retratam um paralelo simbólico do que acontece na relação analista e paciente, suas misturas e discriminações, dissolvendo e coagulando matérias psíquicas importantes para o desenvolvimento do paciente, da relação transferencial e por fim, do analista implicado

como agente no processo terapêutico. Jung buscou na alquimia o resgate dos fenômenos *oscuros* e desconhecidos que a ciência seguindo os passos do iluminismo foi deixando para o campo filosófico. Assim como na psicologia, alquimistas lidavam de forma a confrontar e investigar o lado obscuro e desconhecido da psique, que no caso dos alquimistas eram projetados na matéria. De modo geral é quase consenso entre os alquimistas que o processo de transformação da obra passa por quatro fases principais: nigredo, albedo, citrinitas ou amarelamento, até chegar na rubedo. Quero chamar atenção para fase primeira, a nigredo, também conhecido como o caos primordial. Uma massa confusa que carrega a qualidade da *prima matéria*. Há no caos a potencialidade de toda mistura que segundo os estudos alquímicos invoca a separação da matéria convocada simbolicamente para o embraquecimento da obra e conscientização psíquica. É nesta fase do processo que o ego começa a emergir e se separar do Self até que tenhamos um ego desenvolvido ligado ao Self, mas não totalmente misturado a ele como na participação mística, e sintomas psicóticos da loucura muito próximas de quando assistimos a captura por um complexo que também pode aparecer em pessoas de base neurótica. A neurose por sua vez seria o apartamento do Self, provocando o que Jung chamou de unilateralidade do ego capturado por uma fonte arquetípica única, conseguindo enxergar a partir de uma lupa ou perspectiva apenas.

Retomando, os *primitivos* para Jung seriam aqueles em que o ego permanece próximo ao Self o suficiente para o acesso a imagens primordiais, mas que por outro lado não teriam o ego desenvolvido o bastante para o atingimento de uma parte importante da psique, a consciência ou a sapientia e o espírito que tende à separação do corpo ou da matéria.

É claro que a esta altura sabemos que parte da teoria junguiana deve ser revista e atualizar os termos para serem menos segregacionistas, porém vou me poupar a entrar nesta ceara e retornar o foco do trabalho que visa questionar a tendência à elevação do espírito para se alcançar a sapientia ou pedra filosofal como meta de universalização do saber. Por quais razões a sapientia deve ser separada da matéria, discriminada, elucidada rumo ao estado da albedo como símbolo de consciência enquanto outras formas de sapientia acabam sendo negadas por não fazerem parte da mesma fonte simbólica que foi espalhada ao redor do mundo e eleita como universal?

Anthropos, o homem divino e originário, é um dos nomes da meta do processo alquímico, junto com *lápis philosophorum*, *prima matéria*, *sapientia*, *ouro filosófico*, *elixir vitae*, *Deus terrestre*. *As concepções da meta são tão vagas e suas variantes são tantas como os processos individuais.* (Jung, 2012b, §335). A meta como falamos anteriormente se deve à totalidade, a junção dos quatro elementos, em busca do aperfeiçoamento da obra. Cito aqui uma passagem dos *Estudos alquímicos* de Jung no qual ele menciona uma fala de Paracelso, famoso alquimista, sobre o homem primordial e o *espírito da quinta essência*:

Este é o espírito da verdade, que o mundo não pode compreender, sem a intervenção do Espírito Santo, ou sem o ensinamento daqueles que o conhecem... Ele é a alma do mundo, aquele que tudo move e tudo preserva. Em sua forma terrestre inicial (isto é, em sua escuridão saturnina originária) ele é sujo. Mas ele se purifica progressivamente durante a sua ascensão através das formas de água, ar e fogo. Na quinta essência, finalmente, ele aparece no corpo clarificado...Este espírito é o segredo que desde o princípio estava oculto. (Jung, 2012a, §166)

Jung segue com Paracelso:

E todos vós, que por vossa religião sois levados a profetizar para as pessoas acontecimentos futuros, passados e presentes, vós que vedes à distância e ledes cartas escondidas e livros selados, procurais na terra e nos muros aquilo que está enterrado, vós que aprendeis grande sabedoria e arte, lembrai-vos, se quiseres utilizar todas essas coisas, de aceitar a religião da cabala e nela caminhar, pois ela assenta no seguinte fundamento: pedi e recebereis, batei e sereis ouvidos, a porta abrir-se-á e fluirá o que desejardes: e vereis as profundezas da terra, o fundo dos infernos e o terceiro céu; assim alcançareis mais do que a sabedoria de Salomão e tereis maior comunhão com Deus do que a tiveram Moisés e Aarão. (Jung, 2012a, §167)

Como podem perceber os saberes alquímicos foram se desenvolvendo por séculos desde épocas pré-cristãs até o iluminismo, e mesclavam com ideias neoplatônicas, religiões e filosofias cristãs, cabalísticas, gnosticismo da época. A figura de Adão aparece frequentemente como o *filius philosophorum*, homem-luz preso no corpo de Adão que teria sido levado ou elevado por Cristo ao paraíso. Isso quer dizer de modo geral, que a ideia de Anthropos carrega a categoria de filho de algo maior do que ele e é impulsionado a ir em direção da grande sabedoria para se

tornar o Grande Homem servindo como protótipo de todos os homens, em outros termos, cria-se a ideia de universalidade do homem, de grandeza cósmica, criador e criatura.

Não posso deixar de associar a ideia de Grande Homem, ou *Anthropos* com o que estamos presenciando e nomeando como a nova era geológica Antropoceno, o mundo criado pelos homens e não qualquer homem, conforme foi adquirindo conhecimento e inteligência. Não nos esqueçamos do que a estandardização é capaz em termos de empobrecimento e esvaziamento de representações simbólicas como aconteceu e acontece com os indígenas de todo o mundo. Sirvamos-nos de exemplo o que aconteceu na antiga União Soviética da Grande Cultura com a exploração e domesticação de folclores universalizados de diversos povos autóctones, ou como fizeram e fazem também os norte americanos no Alasca na criação do imaginário da Grande Natureza (extra-humana) disponível para a divinificação, preservação e exploração, quais o controle se torna o principal lema. A colonização da Natureza a divide para esquematizá-la em dois campos interdependentes a fim da pacificação dos indígenas, integrando-os no mundo moderno do mercado e participação na exploração dos recursos naturais; e no imperativo ecológico com a criação de novos parques nacionais e proteção do “meio ambiente” com teorizações científicas que impõem regras gerais de sustentabilidade à toda nação sem levar em conta os modos diversificados de territorialidade dos povos em meio à descobertas de reservatórios naturais, como a do maior reservatório de petróleo dos Estados Unidos na região North Slope no Alasca. De um lado o projeto soviético com a integração da diversidade cultural estabelecendo a uniformização de nação, Uma Cultura; e de outro o projeto americano em nome dos interesses individuais disputadas pelo mercado (ecológica ou de exploração) que manifesta uma diversidade integrada, Uma Natureza.

Cada um dos coletivos indígenas foi recrutado como porta-voz político para justificar (ao folclorizá-la) algumas das facetas do naturalismo. Um após o outro, eles se tornaram ou bem guardiões primitivos e autênticos dos santuários da *wilderness*, ou bem embaixadores esclarecidos e cooperativos de uma modernidade ávida por recursos energéticos... Podemos até dizer que os aspectos “culturais” próprios de suas cosmologias, que bem ou mal subsistiram nos centros urbanos e nas manifestações folclóricas codificadas, foram postos a serviço da moderna visão dualista da natureza e de sua aplicação no interior das políticas ambientais.” (Martin, 2023, p. 65)

Assim como todo império está fadado a decadência, toda ordem estrutural tem vida útil limitada, ecossistemas, sistemas políticos e nossos corpos físicos e emocionais inevitavelmente colapsam. Tendo como regra para toda esquematização a morte ou o rearranjo dos agentes. Em outras palavras, tanto a Natureza ocidental americana, quanto a Cultura oriental soviética ou qualquer ordem estabelecida de meta à universalização como o Anthropos, será exigido em algum momento a recomposição dos mundos que através das enormes fendas de instabilidade e tremores convocarão uma energia criativa independentemente do *establishment*, gerando enantiadromicamente uma perigosa tensão e endurecimento de regras embasadas na ilusão de poder de perpetuação. É dado o momento em que além de suspender a visão binária entre Natureza e Cultura (Latour, 2020) é preciso que voltemos nossa atenção para aquilo que se cria no lugar de encontro entre mundos que se divergem como mostra a experiência de povos autóctones de pensamento orgânico. Não a experiência criativa gerada da tensão entre dois mundos, tal como acontece na função transcendente, mas fricção ou fruição de incontáveis mundos, exigindo-se a simetrização dos diversos coletivos e seus processos históricos de colonização, uma vez que pequenos fragmentos são diretamente responsáveis pelo desequilíbrio e por subverter aquilo que está estabilizado. Contudo, a base teórica que serve de coluna para a modernidade produtivista fracassa diante do encadeamento de crises e fragmentos na tentativa da universalização dos seres e, temos que considerar a “co-construção” ou “construção com” que tenham como base essas ruínas: *Adeus ao esquema; que a vida tome lugar*. (Martin, 2023, p. 77)

Sonu Shamdasani e James Hillman (2015, p. 144) sobre a relação entre a teoria junguiana e o trabalho de Bruno Latour:

SS: [...] O que se tem que olhar aqui bem de perto é o ato da construção. O *resultado final* da psicologia de Jung é a ideia de processo. Olhe para isso a partir de uma abordagem mais relacionada aos estudos científicos, tal como no trabalho de Bruno Latour - a natureza não é o ponto de partida, é o resultado de uma construção particular. A conclusão a que Jung chegou em sua teoria foi uma noção de processo. Mas o que eu estou interessado em olhar é em como ele chegou nisso. Então, você tem que suspender o naturalismo. Além disso, a partir de uma perspectiva histórica, você tem que suspender

qualquer crença ou descrença nas ideias de Jung e tentar olhar para como ele as une.

JH: Isso significa que você tem que suspender Jung para compreender Jung. Novamente, esta é a ideia do historiador como terapeuta. Você está interessado em como ele junta tudo isso, ou o que eu chamo de “enxergar através” do que há para ver, “quem” está fazendo “o que” com relação a isso.

Lembrando que este escrito é apenas um olhar entre tantos outros existentes ou latentes, gostaria de pedir licença para me aventurar com neologismos como *Geothopos* para designar sapientia à agentes Não Vivos, os nomeando como entidades dotadas de coleções de imagens anteriores à chegada de humanóides na Terra, assim como foi designado ao *Anthropos*. Apesar de serem substâncias derivadas de erosão e decomposição, são elementos que provocam eternos rearranjos e formas inesgotáveis de existências. Por isso é preciso desapegar da visão neurótica catastrófica com base na unilateralidade do ego para que possamos ampliar os campos para visões mais ecológicas e metamórficas. Para Timothy Morton o pensamento ecológico é quando se busca o olhar mais amplo, rico em ontologias e perspectivismos outros sem que isso signifique a idealização de um mundo harmônico, mas que conte com suas diferenças na coabitação e tensões multiculturais.

Para nos ajudar a ouvir as vozes que vem do subsolo é preciso de um pensamento ecológico que inclui os aspectos sombrios da natureza, forças criativas, igualmente destruidoras e destrutivas, reveladoras do que não se quer ver ou ouvir, promotoras de mudanças de perspectivas. Um pensamento que busca rasurar as tendências psíquicas mantenedoras do *status quo*, que exercem todos os seus esforços para manter o máximo possível a sombra embaixo da terra, que podem de fato estremecer o chão sem qualquer pedido de licença para os titulares das escrituras da terra. Nas palavras de Timothy Morton sobre o pensamento ecológico:

O pensamento ecológico entende que nunca houve um mundo autêntico. Mas isso não significa que podemos fazer o que quisermos com o lugar onde moramos. Pensar grande significa perceber que sempre há mais do que nosso ponto de vista. Existe de fato um ambiente e, quando o examinamos, descobrimos que é feito de estranhos estrangeiros. Nossa consciência deles nem sempre é eufórica, encantadora ou benevolente. A consciência ambiental tem

algo intrinsecamente incômodo, como se estivéssemos vendo algo que não deveríamos ver, como se percebêssemos que estamos presos em alguma coisa. (Morton, 2023, p. 90-91)

A conscientização de que estamos perdendo o chão com as instabilidades ecológicas em curso gera em nós a perda de referência de tudo aquilo que era conhecido em níveis imaginativos, psicológicos e físicos. A crise ecológica nos convoca para atentarmos sobre a nossa condição de interdependência, gerando uma assustadora precariedade emocional. Sonu Shamdasani e James Hillman (2015, p. 101-102):

SS: Encontramos, de uma forma um tanto surpreendente, essa preocupação com a soteriologia dentro da cultura contemporânea. Testemunhar a preocupação com o aquecimento global, a noção de que, se eu uso um aerossol, estou colocando em risco a sobrevivência do planeta. Essa necessidade de se sentir conectado com o destino de algo maior, que eu acho bastante extraordinário.

JH: *Tikkun olam*, que é a restauração do mundo caído.

Timoty Morton (2023) relaciona o sentimento desajustado em meio ao vazio à esquizofrenia que já não distingue o que são informações de ruídos ameaçadores provocando uma cadeia defensiva de vozes na tentativa desesperada de restauração de uma ordem interna. O pensamento ecológico ao invés de tentar formular narrativas para que possamos lidar com o desespero dos perigos da crise ecológica como fome, mortes, extinções, instabilidades de todos o sistema na forma como conhecemos, mantém uma postura ética e íntima com a falta de sentido que existe na interconectividade.

Podemos responder ao incômodo do desconhecido de diversas maneiras tendo como objetivo a preservação da nossa sanidade, mas não podemos voltar as casas depois da tomada de consciência da catástrofe mesmo que tentemos com todas as nossas forças fazer isso. Negar o problema apenas amplifica, contribui ou adia medidas que sejam necessárias. Segundo Timothy, o desespero vai tomando proporções à medida que não há mais pontos cegos que serviam para esconder o tamanho da sujeira que ansiava para ser de vez descoberta. *Temos mais detalhes e mais vazio* (Morton, 2023, p. 57) para compreender que vivemos em uma *malha* de relações, uma infeliz surpresa para o humano moderno que sempre acreditou ser o

grande agente transformador do mundo. Não existe ideia de evolução apartada da malha, todos os seres vivos evoluem junto com os seus ambientes, a malha não é estática e nada pode ser descartado:

Todas as formas vivas são malha, assim como todas as formas mortas, além de seus habitats, que também são compostos de seres vivos e não vivos. Hoje sabemos ainda mais sobre as maneiras pelas quais as formas de vida moldaram a Terra (pense no petróleo, no oxigênio – o primeiro cataclismo das mudanças climáticas). Saímos de carro por aí usando restos de dinossauros esmagados. O ferro é um subproduto do metabolismo bacteriano. O oxigênio também. Certas montanhas são feitas de conchas e bactérias fossilizadas. A morte e a malha andam juntas também em outro sentido, porque a seleção natural implica extinção. (Morton, 2023, p. 53)

Nos servirá de ponte contar sobre os sonhos de Dária e os lamentos dos lugares de sua infância que a perturbaram durante muito tempo antes que decidisse junto com parte de sua família voltar para a floresta após a queda do regime soviético. Dária é uma das *even* com quem Nastassjia Martin conviveu em Tvaián durante anos com longas conversas ao redor do fogo. Finalmente, em meio ao frio e as chamas Dária solta que não estariam a sós, que aqueles que já haviam partido estariam todos lá habitando o acampamento observando e se divertindo com os vivos dia e noite. Com a voz estremecida continua, nasceu nômade criadora de renas, recebeu o nome da avó paterna que morreu muito jovem e tinha a certeza do contato que o pai mantinha com ela. Foi ele que insistiu que Dária carregasse seu nome ao invés do que a mãe tinha escolhido evitando algum tipo de maldição que a mataria também jovem. Curiosa na infância, ainda não tinha entendido o motivo da família parar de se deslocar permanentemente para se instalar em Tvaián quando ela tinha seis anos. Repentinamente o número de renas tinha aumentado para a casa dos milhares e ninguém mais cantava para elas, até que sua mãe contou sobre o esquecimento do valor dos pastores por suas renas, e que agora em diante seria assim. Tudo havia crescido, moradores, lojas, correios. Comeu queijo pela primeira vez e passou muito mal uma vez que seu corpo não estava acostumado com laticínios. Do outro lado da estrada habitaram os *coriacos*, um povo que falava outra língua obrigando-os a falar em russo para que pudessem se comunicar. Descobriu o balé e foi a primeira vez que se sentiu de aparência suja. No fim do verão foi levada ao internato que passou os

primeiros momentos em cuidados intensivos na enfermaria, até que se acostumou a não poder falar sua língua na escola e que seria assim dali em diante, o ano passaria no internato e no verão passaria os quatro meses com a família no vilarejo. Adulta, a história se repetiu com os filhos quando trabalhava como farmacêutica em Esso, o vilarejo mais populoso próximo do seu. Anos antes, ainda criança, soube de um deslocamento das pessoas que habitavam Tvaián para que pudessem investigar a presença de reservas de gás, carvão e petróleo e que após importantes descobertas, o governo liberou o local para manter a reserva para o futuro sem oferecer maiores riscos naquele momento. Com a queda da União soviética o sonho começou a reavivar, e foram quase dez anos até que Dária pode reencontrar todos aqueles que a visitavam durante a noite, desta vez sob a luz do dia. No sonho lhe era revelada a floresta, os peixes, o rio e todos os mortos que ficaram no território. “Naquele momento entendi, que precisava partir, que não havia mais nada para mim aqui. Era preciso escutar o sonho.” Contou Dária (Martin, 2023, p. 96) As histórias eram contadas sempre misturadas pela territorialidade em fragmentos e flashes, era sempre em torno do fogo que o passado emergia sem a menor preocupação de ordem temporal e que aos poucos foram organizados em uma história unificada pela autora. Tudo mudou, tudo muda o tempo todo, as visitas do passado estão sempre presentes.

A história dos dez anos de sonhos de Dária me inspira a refletir sobre as ruínas que encontramos e precisamos habitar após sistemas e mundos psíquicos colapsados. Ao invés de pensar a partir dos efeitos dos colapsos em nós e o que será passado para futuras gerações, ao chegar em uma ruína repleta de fragmentos ósseos, antepassados impacientes, fósseis contadores de histórias, mensageiros de Geos, nossa postura deve ser a mais ética possível com o território e encontrar maneiras de reativar possibilidades de relações com os seres e entidades, assim como fez Dária e seus familiares ao retornarem para a floresta reativando relações que foram suspensas no processo colonial.

O retorno da família de Dária a Tvaián é tensionado por dois motivos principais: a volta dos sonhos performativos e a reinvenção de um modo de vida que implica uma relação concreta e cotidiana com os seres que habitam um meio específico. “Reapropriar-se de seu sonho”, para Dária, significa encarnar o sonho de Tvaián, transformando em escolha política que a levou desertar Esso para retornar à floresta. Também significa reconhecer uma eficácia na própria ação de sonhar

que, de um ponto de vista animista, requer adentrar o mundo dos outros – aqui, a floresta -, onde encontros não projetivos são possíveis. Esses sonhos, cuja existência (ou mesmo a possibilidade) tinha sido silenciada durante o período soviético, prefiguram e dão um enquadramento às práticas de caça e de pesca e, por extensão, à existência completa dos humanos em Tvaián. A reivindicação de uma outra organização de vida (caça, pesca, coleta) independente das renas e/ou das práticas folclóricas, umas e outras *in fine* destinadas a consumidores externos, é o principal efeito disso. (Martin, 2023, p. 102 – 103)

Seriam os sonhos mesmo de Dária? Ou seria a encarnação do sonho de Tvaián? Quem eram as forças de Tvaián latentes do sonho de Dária? E como souberam esperar o momento chave, após a queda do controle soviético, para ressurgem e provocar o inesperado? Estão essas forças ressurgindo de um passado de meio século distante ou há algo suficientemente contemporâneo que se manifesta no e para o contexto atual? Como cantar para o rio quando não há mais xamãs? E quando tudo muda de lugar?

Nastassjia Martin (2023) ficou anos aprendendo como se reestabelece vínculos em ruínas, como se estabelece comunicação sem mais a memória dos seus cânticos, fazer-se escutada com o que lhe resta. O retorno de Dária e sua família para a floresta se deve a uma mistura de fatores, primeiro a pressão que a experiência dos sonhos exerce sobre ela e depois o momento histórico que somado a um sentimento de abandono instalado no peito e clandestinidade, força o reaparecimento do impulso para o rearranjo do estilo de vida e as relações com a vida concreta e cotidiana com os seres habitantes daquele meio levando-os a “desertar” Isso. Diferentemente do que se espera como resposta, não há propósito nem destino nessa mudança. Há acasos e encontros que levam a determinados acontecimentos, uma trapaça inevitável de transformação de direcionalidade, um potencial de metamorfose préexistente, e que para haver possibilidades de reinvenção dos modos de vida *sobre ruínas de uma tentativa política fracassada*, pré-determina que se restabeleça diálogo com outros não humanos horizontalmente, *de gente a gente, de pensamento a pensamento*.

No livro “O lamento dos mortos” (Hilman; Shamdasani, 2015) citado anteriormente aqui, está transcrita a conversa entre James Hillman e Sonu Shamdasani sobre o Livro Vermelho de Jung e sua produção em favor da dimensão

psíquica das figuras imaginais. A partir de uma profunda experiência de elaboração psíquica das fantasias e a curiosidade de Jung por ritualísticas egípcias, são os mortos que nos imaginam e não o contrário. Os mortos são figuras ancestrais que vivem no campo do invisível e materializam uma força coletiva no diálogo com o espírito do tempo *Zeitgeist*, mas não é possível enxergar essas figuras com os olhos comuns e por caminhos óbvios e diretos. Hillman diz:

[...] Penso que isso é mais uma maneira de perceber que há uma permeabilidade porosa entre vivos e os mortos. Entre a vida e a morte. E a forma como estabelecemos isso diz que a morte e vida são opostos e que você deve afastar a morte, que é o outro último, e que você morre sozinho, esse tipo de bobagem existencial. E me parece que o livro (Livro Vermelho) oferece um caminho completamente diferente de perceber que o mundo do dia é permeado pelo outro mundo [...] Que você está convivendo com os mortos. (Hillman; Shamdasani, 2015, p. 33)

Como Jung (2014) nos ensinou, há diversos tipos de sonhos e entre eles estão os Grandes sonhos que como ele mesmo disse em sessões gravadas em 1958 em Zurich sobre as forças da natureza, *devemos incorporá-las e parar de projetá-las*, como fazem os Grandes Homens (Anthropos) e suas capacidades instintivas de dois milhões de anos. Nos Grandes sonhos segundo Mattoon (1997), os sonhadores devem sentir um certo senso de importância de uma mensagem inesperada e ser atravessado emocionalmente pelo fascínio em relação ao sonho e suas imagens apresentadas que como caráter de sonhos arquetípico revela algo que pode ser vivida como iluminação, aviso ou ajuda sobrenatural, portanto possui caráter numinoso.

Entre os *even*, existem dois tipos de sonhos, um remete ao *monólogo interior próprio à pessoa, o segundo, ao mundo... um sinal que vem de fora para a alma, capaz de modificar sua trajetória*. (Martin, 2023, p. 156) Ao contrário de nós analistas e psicólogos, os *even* não dão tanta importância coletiva aos primeiros sonhos de ordem pessoal e costumam se abster de contar os sonhos pela manhã. Eles se concentram muito mais no segundo tipo de sonho que impõe toda uma disciplina mental e física por provocar uma excitação da alma e ativação de órgãos do corpo como pulmões, coração e rins, tem em si algo modificado a partir do exterior e encontros com outros do mundo. É preciso ser capaz de se deslocar em si, para conseguir se deslocar no mundo dos outros. Chama-os de “sonhos-encontros” e suas multiplicidades de

manifestações em território compartilhado, que tem por destaque o encontro com almas dos humanos mortos e o encontro com almas dos animais. Entre as tarefas designadas aos sonhos-encontros se atingidas com sucesso, podem desobstruir bloqueios, ajudar aqueles que morreram a encontrar caminhos tortuosos, ser ajudado por eles e pelos animais que por sua capacidade sensitiva acabam agindo como mediadores e mensageiros do mundo mais que humano, interlocutores dos elementos (Martin, 2023, p. 159), ou sensibilidade essa que permite aos animais não humanos sentir e pensar com antecedência as mensagens de Geos.

#### 4 DESENTERRANDO OS OSSOS

A posição marginal que ocupam lhes permite, ao pô-la em perigo, pô-la também à prova: para viver em um mundo incerto, é preciso ter a capacidade de desestabilizar regularmente a ordem estabelecida. (Martin, 2023, p. 126).

Da terra (do pó) viemos e para a terra (o pó) retornaremos é o que nos dizem os saberes milenares sobre a passagem pela morte. Ao refletir sobre a frase: “Roubaram de nós os nossos mortos” (Martin, 2023, p.34), compartilhei junto à autora um certo pesar sobre a ritualística dos mortos em sociedades contemporâneas ocidentais e o empobrecimento simbólico em torno das despedidas distanciadas do caráter físico do morrer, o corpo. No enterro de Memme, *a memória* daquela família *even*, Nástia, como é chamada a narradora do livro, se dá conta do quão distante nos colocamos em relação aos nossos mortos. Ela é tomada por um vazio com a sobriedade e a sensibilidade dos gestos daquele vilarejo autóctone na preparação coletiva para acompanhar Memme por onde ela fosse, acolhendo os corpos e almas dos entes amados. Torna-se consciente da formação de um vazio não para ser preenchido, mas para torná-lo significativo e *recriar o coletivo em torno do que há de mais incerto e incontrolável, de não humano e misterioso: a morte*. Em suas palavras:

A sociedade moderna é doente de distância, desse abismo que ela laboriosamente cavou entre ela e tudo aquilo que ameaça a sua integridade, esses grandes “outros” aterradores porque incontroláveis, entre os quais encontram-se, na linha de frente, as seguintes abstrações: a natureza, os primitivos e a morte. (Martin, 2023, p. 34)

Não me parece surpreendente que *natureza, primitivos e morte* estejam compartilhando o mesmo espaço afirmando um certo grau de parentesco. Como vimos anteriormente no texto, a sociedade criou um fetiche em torno da normatização e unificação dos significados se auto elegendo como base cultural depois de passar pelo caminho evolutivo que distinguiu os humanos dos não humanos separando o Humano da sua base mais instintiva e animal, ou melhor dizendo, o Humano encontrou uma forma de acreditar que através da sua inteligência logocêntrica foi capaz de exercer controle sobre seus instintos. A partir desse contexto é obvio qual o lugar ocupado por povos autóctones ao redor do mundo e não demoraria muito até que chegássemos na parte da história que a maior meta do Humano gira em torno de se tornar imortal, ou se manter o mais distante possível da morte. O heroísmo não é apenas humano, é uma promessa divina. Hillman (2013) em *O sonho e o mundo das trevas*, cita o aspecto misterioso da alma e da natureza ao caminhar sempre em direção do que é profundo, invisível e desconhecido. Nos relembra que alma não é uma substância, ou apenas uma dimensão, ela é uma operação que se faz à medida em que penetra e compreende sem limites na profundidade do que está oculto em movimento de eterna fragmentação, decomposição e composição. Enquanto ação, Hillman chama de *soul-making*, ou “fazer alma”, um impulso autóctone em direção ao mundo invisível das coisas. Para ele a psicologia analítica arquetípica propõe que a interseccionalidade entre a psicologia e os mitos se presentificam em nossas vidas por meio de sintomas, conceitos e fantasias. São os mitos que se responsabilizam por vivificar ou animar tais conceitos e imagens sobre os humanos e suas relações com o mundo mais que humano. Hades é o deus invisível das profundezas e a busca por conexões à dimensão do profundo é o imperativo da psicologia. Assim como Hades, a Natureza também adora ocultar-se afirmou Hillman citando Heráclito, que foi o primeiro filósofo ocidental tradicionalmente reconhecido a relacionar profundidade com a elucidação do que a alma pode trazer de verdadeiro. Mas pelo fato de ser misterioso, a capacidade de “ver através” na escuridão é facilmente considerada “enganosas, imprevisíveis, amedrontadoras – ou sábias” (Hillman, 2013, p. 56)

Quão perturbador devem ter sido os sonhos com parentes mortos dos nossos ancestrais desde a idade da Pedra? Historicamente as sepulturas intencionais dos

Homo Sapiens de que se tem consenso existem há pelo menos 100 mil anos. A partir daí alimentos, roupas e adornos começaram a ser depositados juntos aos corpos enterrados em direção para a nascente do sol indicando uma expectativa de renascimento ou vida após a morte, assim como os funerais dos *even*, que para acompanhar sua alma na passagem voltam seus olhos para o interior do crânio para que não sigam você ao partir e voltam o rosto do morto para o leste para que amanhã ele volte outro, igualmente fazem com os animais caçados, ao matar um urso por exemplo (Martin, 2023). Rituais funerários e artes rupestres compartilham funcionamentos semelhantes uma vez que só podem ser observados dentro da cultura humana que normalmente estão localizados em lugares de difícil acesso como tumbas e cavernas sugerindo a busca ritualística no acesso para o ventre da Terra.

Isso que Sidarta Ribeiro (2019) chama de *religião das cavernas* (pág. 45) provavelmente configura que a crença na vida após a morte se confundia com a crença nos sonhos como portais entre mundos dos vivos e mortos.

Ainda hoje, a morte é frequentemente vivida como enigma por aqueles que experienciam algum evento que circunda em torno dela. Em diferentes culturas e religiões, o encontro com os mortos é vivenciado como experiência significava de diálogo com o mundo dos espíritos que podem ocorrer através de acasos e coincidências poderosas submetidas nos sonhos, vultos, arrepios, nas sincronicidades, e nos mais diversos sinais como aconteceu em torno do fogo no *atien*, uma espécie de cozinha de verão dos *even*, em que o fogo fica a céu aberto no centro, e leva Matchilda, um dos homens do vilarejo, a pressentir que algo acabara de acontecer ao olhar intensamente para o fogo. Era a morte de Memme que foi decodificada numa *primieta*, nome que pode ser traduzido como “um sinal”.

Não é incomum que o mistério esteja associado aos elementos e minerais, pois os elementos são abordados como lugares da vida dos espíritos como podemos encontrar na ontologia Yanomami descrito no livro “A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami”:

Por isso *Omama* finalmente criou os *xapiri* (entidades xamânicas), para podermos nos vingar das doenças e nos proteger da morte a que nos sujeitou seu irmão mau. Então ele criou os espíritos da floresta *urihinari*, os espíritos das águas *mãu unari* e os espíritos animais *yarori*. Depois, escondeu-os, até que seu filho se tornasse xamã, no topo das montanhas e nas profundezas do mato.” (Kopenawa; Albert,

2019, p. 84)

Coincide com o aprofundamento do movimento animista que não só psicologiza os animais e as plantas atribuindo a eles capacidades de pensamento, comunicação e sentimentos, mas inclui formas de existência que vão além de seres vivos, uma discussão que entre os interlocutores intelectuais ditos modernos ainda permanecia invisibilizada, subestimando os conhecimentos da maior parte dos povos de saber orgânico. Mas como bem sabem os psicólogos que trabalham empenhados no “fazer alma” (Hillman, 2013), “invisível não quer dizer inexistente, mas sim latente.” (Martin, 2023, p. 217). Mesmo assim, tal como Nastassja Martin fala da antropologia, a psicologia também herdou o imaginário que separa Natureza de Cultura. Como vimos, para Jung a cultura é justamente aquilo que faz emergir o ego do grande lago do Self e salva o pensamento selvagem mergulhado na participação mística com a Natureza (inconsciente/objetividade) para a individuação por interferência da Cultura (consciência/subjetividade). Em contrapartida, Jung chama atenção para os sintomas da modernidade empenhados na separação e superação da psique, deixando de fora todo e qualquer traço de animalidade e integração das partes sombrias e inconscientes. A psique ou alma na sua qualidade de operação e mergulho nas profundezas, busca na individuação o chamado para a integração das partes inconscientes manifestadas por complexos, tensões e atravessamentos. A alma ao aprofundar cria conexões com o desconhecido aumentando sem limites a sua dimensão. Portanto, a alma não só busca movimento como ela é o próprio movimento de composição e decomposição dos fenômenos psíquicos. (Hillman, 2013)

A base do saber intelectual com maior influência na construção do pensamento compartilha de divisões ainda mais profundas entre vivos e não vivos, ditando e diferenciando o que é animado do que é inanimado, pensamento que vem desde a antiguidade reformulada na modernidade e estabilizada em áreas específicas como na ciência natural e outras áreas do saber. Nas primeiras partes do texto descrevo as palavras de Elizabeth Povinelli (2023) e sua crítica sobre o imaginário bipartido da matéria e o quanto é de interesse do poder vigente que pensemos dessa forma, entretanto vemos novas propostas surgindo a partir de um imaginário também antigo que suspende as divisões conceituais entre agentes e suas especificidades para que

por meio de aberturas possa haver caminhos de vínculo com mundos mais que humano. Agora, nas palavras de Nastassjia Martin, 2023:

[...] na ausência de vida e de morte, de saúde e de patologia, tudo se torna indiferente, e a ideia de um meio entendido como meio abiótico (físico, químico, geológico) torna-se estruturante. Contudo, nas últimas décadas, pudemos ver o ambiente se reanimar, as ciências e as filosofias do meio ambiente tendo exportado a dimensão normativa do vivo para o que antes se considerava o “meio abiótico”. Isso só foi possível a partir do momento em que diversas disciplinas científicas mostraram que esses meios, na realidade, eram construídos *por e para* os seres vivos e, portanto, era uma extensão deles. Em outras palavras, a separação vivo/não vivo, animado/inanimado, do qual somos herdeiros ao menos desde o fim do século XVIII, atravessa todo o nosso regime de conhecimento – das ciências biológicas e ambientais à antropologia. (Martin, p. 218-219)

A grande questão não é sobre qual será a versão predileta para se pensar o mundo e suas qualidades enquanto seres, mas na abertura para se pensar mais além, “dirigir-se a eles”, ou estabelecer uma relação mais direta com o invisível e o não óbvio. Ainda nas palavras de Martin:

Voltemos nosso olhar para além dos corpos e pensamentos dos seres vivos tal como estes foram apreendidos no momento da especiação. Viajemos ainda mais longe, em direção à tentativa humana de silenciar o pensamento e dissolver os corpos, para substituí-los, ambos, pelo mundo. Existiriam maneiras humanas de se aproximar das *formas e expressões* dos elementos? Dos meios pelos quais certos coletivos humanos às vezes tentam reduzir o incessante diálogo interior para substituí-lo pelos próprios fluxos elementares? Espaços buscados na existência, onde as sensações diante do que se move “sem corpo e sem pensamento” por toda parte pudessem tender para a imediatez, para a ausência de mediação, como no caso dos animais? Dária e sua família reconhecem no cotidiano a tendência dos humanos a se confinarem em si mesmos. Das profundezas de sua floresta, uma de suas grandes razões de ser é evitar a todo custo o confinamento no limite de seus corpos, de seus espíritos, de sua espécie, isto é, de sua humanidade. (Martin, 2023, p. 221)

Segundo Hillman (2013), a psique se move em direção à Hades, o *te/los* de cada alma move-se em direção à profundidade das conexões invisíveis do mundo dos mortos, mas que não pode ser confundida com a morte literal, pois é ilimitado em profundidade. Portanto, quando Hillman convoca uma psicologia da morte, o que está sendo convocada é a passagem de um estado psíquico para outro, uma capacidade

metamórfica da alma que na interface com as manifestações de seus mortos pode sofrer transformações significativas no olhar atento do “ver através”. O “fazer alma” é um movimento de atenção mútua aos fenômenos do fracasso, da desintegração, dissolução de tudo o que é fantasiosamente fixo no imaginário psíquico das impregnações neuróticas da sociedade moderna. Pede-se a dissolução do uno, do universalmente estabelecido para a abertura da multiplicidade, uma desintegração para a integração de um estado mais fluído e aberto para a mais existência que sondam caminhos de troca pelos meios mais misteriosos como os sonhos, visões, sinais e manifestações. Os sonhos em comunhão com o aspecto mortífero de Hades nos carregam para baixo em movimentos depressivos, vagarosos, entristecedores e introspectivos como se fossem solicitações da alma pela suspensão do tempo e flacidez do ego.

Talvez seja essa a diferença entre Hades e Geos que como pudemos ver anteriormente no texto, carrega a sua dimensão material, temporal somado a sua dimensão imaginal. Geos é o que podemos chamar de composto imaginativo da matéria que nos exige tamanha dissolução e porosidade do ego que ao ser atravessado por essa dimensão e entidades temos a sensação de transe, loucura ou desmembramento, assim como nos atravessamentos de Hades. Em ambos os casos, somente nos é possível estarmos atentos e abertos para manifestações outras, de estranhos estrangeiros, se quisermos estabelecer algum tipo de contato com esse campo. Somente nos é possível estar conscientes dos agentes Não Vivos e suas misturas de corpos imaginais e físicos. Para Hillman (2013) somos todos transformados em pacientes na experiência com o mundo das trevas dando-nos um novo sentido de paciência, na qual somos convocados a dar atenção ao nosso sofrimento numa atitude esperançosa na “espera” da morte, que por sua vez significa do ponto de vista simbólico colocar nossas noções de mundo diurno para dormir.

Quando vi a terra estremecer, lembrei dos ancestrais mortos da minha família. Percebi que em muitas palavras e gestos presentes na minha história pessoal havia mensagens que não tinham sido formuladas neste tempo ou por pessoas com as quais não tive contato direto e misteriosamente seguiam vivas e atuantes. Tudo aquilo que já havia estudado sobre complexos geracionais, culturais, sombras familiares, mensagens de duplo sentido, dores do mundo tinham sido ali escancaradas. Experimentei um sentimento difuso que me impunham a experienciá-lo, me fazendo

entender que precisava recriar algum contato com essas presenças. Seriam os sinais de pedidos para que não nos esqueçamos dos nossos mortos? Estariam todos eles vivos em algum lugar se fazendo ser lembrados através de sinais e sintomas? Foi exatamente neste instante que as mensagens paralisantes do ventre da Terra chegaram e me senti convocada para a mudança de curso do tema do meu trabalho, depois de obviamente ser capturada por uma enxurrada de emoções e atravessamentos disformes. Nada poderia ser feito naquele momento a não ser fazer daquilo prioridade, deixando todo o resto de lado. Festina Lente, uma pressa para escutar lento e atentamente o que estava sendo manifestado. Parar, sentir e ouvir. Para escutar é preciso de silêncio. (Despret, 2023).

*Privatio boni* (a privação do bem) é a explicação cristã de como foi definido o Mal, fruto do número binário criado por Deus no segundo dia depois de separar as águas de cima e as águas de baixo. Um jeito de negar que o Mal tenha uma existência absoluta, mas um caldo que é composto por uma sombra que goza da existência da luz, à sua origem simbólica permanece em tudo que é escuro, desconhecido, enigmático, misterioso, barulhento, defeituoso, diferente, e tudo aquilo que foge da *imago Dei* (imagem de Deus). Segundo Jung, o cristianismo foi responsável por introduzir uma cisão entre natureza e espírito, elevando o espírito humano para uma *liberdade divina* capaz de pensar a natureza e transformá-la, enquanto toda aquela sombra permaneceu dissociada e “embaixo”. Fruto desta visão de mundo, é o lado tenebroso do homem que se vincula com a *physis*, a matéria, a terra e a natureza que o impõe no processo de morte (Jung, 2012c, v. 11/2). A morte só pode ser dignificada àqueles que seguiram os propósitos divinos, que vive a fonte da ausência do pecado e que não pode por esse motivo representar o humano em sua totalidade. O paraíso tem cores brancas sem contato contínuo com o mundo terreno a não ser que sejam almas penadas ou anjos caídos como disse Hillman sobre a uso da cor “celestial” desde a Grécia antiga: “O branco significa pureza ritual e santidade espiritual, não admitindo nem o negror da morte nem a vermelhidão da carne”. (Hillman, 1986, p. 4)

Neste sentido, a alquimia como caminho alternativo e complementar da religião cristã buscou por meio da *Opus*, libertar o quarto elemento negado e atribuído à matéria, o Mal. O que precisava ser extraído da terra era a sabedoria, o *lumen*, a *anima mundi*, alma do mundo, para compor o elemento que falta para a síntese do *Uno*, a idéia de totalidade que contém todos os opostos, luz e sombra, que implica

uma só personalidade humana que abarca todos os elementos, O Anthropos, ou homem cósmico primordial. Jung:

O peso obscuro da terra também faz parte do conjunto. “Nesse mundo” não há bem sem mal, dia sem noite, verão sem inverno. Mas ao homem civilizado talvez falte o inverno, porque pode muito bem se proteger contra o frio; talvez falte a sujeira, porque pode lavar-se, talvez falte o pecado, porque pode, cautelosamente, isolar-se dos demais homens; evitando assim muitas ocasiões malignas. Pode parecer bom e puro a seus próprios olhos, porque não sofreu as necessidades do outro para lhe ensinar. O homem da natureza, pelo contrário, possui uma totalidade que se poderia admirar. Mas, a rigor, nada existe nele que mereça admiração. O que nele se encontra é a eterna inconsciência, o pântano, a sujeira. (Jung, 2012c, §264)

Não só os mitos judaicos cristãos contam sobre a origem do mundo e a passagem do disforme para a forma, como outras culturas possuem seus próprios mitos de criação em que muitos deles fogem da concepção do Um como criador para simbolizar a origem das diferenciações como encontros acidentais ao invés de intencionais. No tempo anterior ao processo de especiação, o tempo do mito, costumeiramente começam com a narrativa de um mundo em latência de suas potencialidades criativas, não existe diferenciação dos seres, de seus corpos ou alma com contornos, são ao invés disso fronteiras porosas proporcionando metamorfoses em relacionamentos transespecíficos, contínuos e infinitos. Em algum momento o tempo do mito cessou impondo à matéria corpos limitados por suas constituições diversas para se estabilizar no tempo ou por um tempo, em que esses corpos foram de alguma forma tomando distância entre si ao se especificarem, até que “o tempo do mito seja reativado em um mundo agora diversificado, e as coordenadas iniciais desse meio específico sejam redistribuídas.” (Martin, 2023 p. 109).

A autora “lança luz” a uma questão importante sobre o caráter mítico. É importante que criemos uma certa desconfiança sobre a estabilidade dos seres. Esse ser polimorfo que supera a dualidade é a figura do *trickster*, cujo objetivo é um misto de indiferenciação primordial e fazer emergir o processo de especiação ou diferenciação que podem encarnar nas mais diferentes formas desde que exerça seu papel fanfarrão errante criador de mundos. Infelizmente, a leitura dos mitos dentro da psicanálise se limita a considerá-los como fontes projetivas ou metafóricas para a

expressão de um mundo interior humano e exime qualquer participação não projetiva do mundo dos outros:

Quando cedemos a essa facilidade interpretativa, não conseguimos apreender outras lógicas subjacentes a essas histórias que escutamos: não é possível haver um *deslocamento* em direção ao “pensamento selvagem”, mas apenas a bricolagem de um espantalho assustador que representa nossas próprias psicoses, que, relegadas aos mundos ditos pré-modernos, justificam comodamente suas reminiscências noturnas. (Martin, 2023, p. 122)

Na psicologia junguiana o *trickster* é uma estrutura arquetípica da psique que representa uma consciência mercurial indiscriminada da sombra, de natureza dual é símbolo de transformação psíquica. O *trickster* por sua natureza ambígua, polimorfa, de múltiplos sentidos, torna-se um articulador da vida para além das formas consolidadas. Na tentativa de transformar símbolo em signo, foi associado ao arquétipo da transgressão, tornando-se então o violador que desestabiliza as estruturas em uma cultura que tende ao imutável. Representa as criaturas deformadas sejam elas humanas ou não, que em consequência das próprias ações devem ser exterminadas.

A idéia de que o *trickster* vive arquetipicamente no imaginário humano é uma visão um tanto reducionista para não dizer segregacionista do restante do mundo que existe por trás dessa imagem.

Vinciane Despret (2023, p. 93) vai dizer que o espiritismo, religião qual Jung teve contato através da família de sua mãe e possuía tamanha curiosidade, é um dispositivo de resistência não só à instituição religiosa com seu contrato não regulamentado com os mortos como também ao positivismo científico muitas vezes contradizendo suas explicações para fenômenos enigmáticos.

Na mesma linha de pensamento, a autora se refere ao espiritismo também como um instrumento de resistência às teorias psicológicas dominantes da pessoa enlutada em que o investimento libidinal deve se retrair em direção contrária ao objeto perdido para voltar a ser reinvestida no mundo e em outros objetos, caso contrário corre-se o risco de se transformar em melancolia que na visão freudiana significa ser o fracasso do luto. Na direção contrária, o espiritismo implicaria uma organização de

intensificação dessas relações no qual o morto está ativamente implicado e o médium como personificação da porosidade da alma busca atuar nas brechas entre mundos.

Ela diz:

Eles são uma contradição viva daquilo que, segundo a norma, define o psiismo e o repertório aceitável das suas faculdades. Foi isso que aprendi assistindo às sessões: os médiuns cultivavam outra maneira bem diferente de pensar e sentir. (Despret, 2023, p. 94)

No Brasil, a umbanda tornou-se uma religião totalmente brasileira fruto de um conjunto de símbolos e figuras míticas que foram associadas não por estratégia de controle social, mas um hibridismo em confluência de conteúdos simbólicos que cada uma das entidades carrega, desde os Orixás do candomblé, os caboclos e encantados, kardecistas, sincretismos com os santos católicos, a práticas de pajelança com o uso de medicina a base de ervas e fumaça. Os caboclos foram divinizados pelos povos africanos que chegaram ao Brasil colônia escravizados de grupo linguístico bantu. Nas suas tradições e sistemas religiosos era indispensável que fossem cultuados os donos ancestrais da terra, chamados *inquice*. A linhagem ancestral legitimada como habitante da terra que recém chegavam eram os povos indígenas e a partir de então inicia-se o processo de hibridismo e sintetização cultural e religioso elevando o “índio” (indígena) à condição de *inquice*, divindade ancestral ligado à terra e conhecedor de caminhos cultuado nas cerimônias de candomblé de caboclo. Construiu-se um conjunto de encantados fonte de divinização dos excluídos, casas de santos e terreiros para que fossem recebidos os “mensageiros e representantes, os antigos indígenas da terra para orientar e receitar em favor dos consulentes aflitos ou doentes.” (Zacharias, 2020, p. 108)

Esses campos que flutuam entre mundos, ao invés de patologizar a dor, os dispositivos espíritas e espíritos iluminados das religiões de matriz africana permitem uma pedagogia da dor oferecendo respostas significativas para as experiências vividas. Ao invés de trancar a dor no interior do indivíduo sofredor, o médium é concebido como um intérprete sensível da dor do mundo e do mal. (Despret, 2023, p. 96)

Segundo Jung (2012c), o caráter numinoso das experiências religiosas, que podem ser ensinamentos, experiências místicas, comoções, iluminações, sinais,

consistem em sentimentos de total domínio afetivo que pode levar o homem moderno à profundo temor de perda de consciência por seu modo racionalista de se portar e vivenciar o mundo. Por desconhecer tal natureza, os mais “orgulhosos”, ou neuróticos tendem a recalcar ou repelir o fenômeno o considerando obscuro, irracional ou patológico, fazendo com que não encontrem ambiente para que a experiência seja simbolizada e podendo levar o sujeito à dissociação tomado pelo caráter inconsciente das experiências místicas.

Não é preciso estar diante de uma experiência mística para testemunhar uma abertura de portal das vidas mais que humanas e comunicações significativas entre vivos e mortos. Duas cenas clínicas:

Não era a primeira vez que a avó de uma paciente se fazia presente na sessão. A paciente não sabia explicar, mas aquela sessão de constelação familiar havia desbloqueado algo. Seria obra da avó? Um feitiço desfeito que fazia com que ela nunca encontrasse alguém com quem pudesse desenvolver uma relação? Se perguntou. O primeiro encontro com a avó foi em uma visão em que se levantou dúvidas sobre um bebê que diante das suas investigações familiares acabou revelando a história de um segredo de que havia sido concebido um filho de seu avô fora do casamento que culminou na separação dos seus avós paternos no passado. Havia ali uma marca, parte da história da sua desconfiança. Tinha me perguntado sobre o que achava dela ir à uma sessão de constelação familiar e a encorajei com a finalidade de um possível enriquecimento de imagens sobre as dificuldades da paciente. Posteriormente, constelando essas relações, a paciente entrou em contato com as marcas fósseis impregnadas nos segredos de família. Alguém sempre ocupando silenciosamente aquele lugar fazendo com que misteriosamente não se sentisse apta para oferecer a ninguém. A paciente ficou me olhando curiosa para saber se eu tinha explicações para a estranha coincidência de que após o aparecimento ou “remembramento” (Despret, 2023) da avó ela estaria prestes a iniciar um namoro saudável, o que nunca ocorrera antes sua maior queixa. Um mistério desagradável é motivo de sobra para essa paciente derrapar na sua marca registrada de rigidez e seriedade como tentativa de controle. Ela acabou sendo desmontada pela presença da avó que mudou todas as pedras do caminho de lugar. Se foi a avó ou não, pouco importa. Importa mesmo é poder aprender a conviver com o enigma experienciado. Sinais não precisam ser explicados, não é isso que os mortos (tampouco os Não

Vivos) querem, não querem que desvendem seus enigmas, querem através de nós continuar suas trajetórias, esperar um futuro post mortem um pouco menos sombrio que o nada, e ainda com a possibilidade de um progresso (Despret, 2023 p. 96). Obviamente do ponto de vista psicológico, mudanças estruturais estavam acontecendo para que a paciente pudesse sustentar melhor os seus mistérios e dúvidas sem recorrer rapidamente ao controle da realidade. Talvez essa tenha sido a chave de abertura para a presença de uma ancestralidade marcada por dores conjugais e complexos geracionais que também se repetem na relação dos seus pais causando profundo desencantamento e endurecimento da alma.

Outra cena, outro caso. Logo nos primeiros atendimentos um paciente se apresenta com sintomas severos de ansiedade. Muitos dos seus sintomas poderiam estar relacionados não só às mudanças de trabalho, mas também a perdas significativas e recentes da avó paterna e da mãe que falecera de um processo exaustivo de câncer de intestino. Costumo pedir sonhos ao me apresentar e ele me relata que com a avó já tinha sonhado uma vez dizendo para ele que estava tudo bem com ela, mas não esconde a sua frustração de não ter tido a mesma sorte sendo apresentado pela presença da mãe em seus sonhos que havia falecido há um ano mais ou menos. Se apresentava hora com seu lado menino desenhista de raiz artística herdada da avó, ora como um executivo exemplar na expectativa das técnicas de cura e tarefas mirando a sua melhora. Tinha muitos motivos defensivos para não se lembrar da mãe. Sofria de arrependimentos por não ter estado mais próximo dela devido ao seu jeito sufocante e queixoso, além de memórias extremamente dolorosas devido ao agravamento da doença. Em poucas sessões o paciente começa a trazer múltiplos sonhos com a mãe. O primeiro muito marcante como uma lembrança reconstruída de um almoço rotineiro de domingo, mas carregado de uma cena forte parecida com a que de fato aconteceu quando ficou evidente que a doença da mãe estava se agravando. Era a lembrança de um momento muito triste que estava evitando, porém parece que abriu um portal para outros “sonhos-encontros”. Passado esse sonho trouxe muitos outros sobre os raros momentos em harmonia com a mãe. Essa série de sonhos foi como fazer as pazes com o passado marcado por mágoas, ausências e culpa. Teria feito as pazes com a mãe depois de sua morte? Aparentemente sim. Mais uma vez trago Vinciane Despret para ilustrar as ações dos mortos:

Os mortos re-suscitam. Estimulam re-fabricar o passado no presente. Será o caso, por exemplo, da mensagem que se organiza em torno do rancor e do ressentimento. Há quase sempre alguma coisa que não foi feita, que não foi dita, que não foi compreendida. A morte não impede a resolução de conflitos que não foram resolvidos. Pelo contrário, os mortos tomam uma parte ativa, que não puderam assumir quando estavam vivos; às vezes se explicam, vêm pedir ativamente ao vivo para perdoá-los. (Despret, 2023, p. 97)

O que são as sessões de terapia senão movimentos rumo ao profundo empenhado em ouvir o que os ossos tem a dizer? Não somente no intuito da reconstituição de fatos do passado, mas sobre refletir sobre o processo de desertificação da alma. Diria que é menos sobre a reconstrução dos fatos do passado e mais sobre como as marcas do passado se fazem presentes nos atravessamentos sintomáticos dos vivos, e como meios de flexibilizar histórias míticas fixadas em um tempo histórico para recriar pontos de conexão com presenças no hoje diante de suas ruínas e pântanos em uma grande aventura de incertezas e errâncias. James Hillman (2015, p. 173): [...] Então, os mortos se tornam, de novo, mais e mais importantes, porque trariam algo de desconhecido ou incompreensível ou altamente enigmático.” A psicoterapia se inscreve como meio, como ponte entre mundos daquilo que faz questão de provar que não está inerte com uma escuta atenciosa e cuidadosa com o fenômeno manifestado. Para Clarissa Pinkola Estés (2014), *coletar histórias é uma atividade paleontológica contínua*, e quanto mais encontrarmos ossos mais próximo de uma história inteira. Quando nos sentimos desterritorializados, algo nos vira as costas como nos ensina os Karrabing através dos escritos da antropóloga Povinelli, a desertificação se apresenta como nova configuração da paisagem. Segundo Clarissa, os antigos acreditavam que o deserto era o lugar de revelação divina e que a vida se apresenta de forma condensada, em escassez de umidade, árida, aparentemente inerte. Entretanto, no deserto quase tudo acontece no subsolo, misterioso nas suas formas de vida carentes, que podem aparentar lugares vazios e sem vida. Mas tudo o que tem valor psíquico, mesmo depois de morto, pode ser ressuscitado ou transformado em outro estado do ser. A seguir descrevo mais uma passagempaisagem clínica do encontro de um paciente com o Deserto:

Desde que chegou ao meu consultório era a segunda vez que desertava, entre um deserto e outro, esse homem somente se permitiu estar em lugares exuberantes

que garantissem que nunca mais passaria pela sensação de sede e não encontrar água. Um dia encontrou algo que não sabia ser um oásis ou miragem e acabou não contemplando a paisagem o suficiente para permanecer ali, era novamente o fim de um relacionamento. Sobre a sua nova peregrinação no deserto, disse que dessa vez não sairia de seu caminho de sofrimento em busca de atalhos com promessas falsas de farturas defensivas. No mesmo instante se lembrou de um caderninho com as anotações de um deserto já explorado da outra vez. Escolheu uma página para ler e lembrar de como era caminhar no deserto antigamente e repentinamente o Deserto se personificou ali. Para a sua surpresa, era um Deserto que tinha ido visitar no passado, e que dessa vez o visitava inesperadamente no presente, nos relatos do seu caderno de memórias. Aquelas palavras de dor tinham sido escritas no Deserto (do Atacama), um deserto personificado e material que naquela época decidiu ir mesmo sem a companhia de sua ex companheira após desmarcarem a viagem por conta do término do relacionamento. A viagem deles tinha se tornado a dele, e agora era um encontro entre o paciente e o Deserto que havia visitado em corpo e alma no passado e tudo o que um dia eles trocaram, agora podiam continuar a trocar. Havia ali um deserto literal ao mesmo tempo que imaginário, que estou entendendo como a presença de Geos.

Diante de todos esses relatos-imagens-paisagens fica a pergunta: Seria mesmo a vida psíquica tão distante da matéria? Hillman (2013, p. 67) diferencia alguns aspectos importantes para nos guiar sobre esse mistério e faz a distinção entre o “ctônico e o terreno, entre fundamentos invisíveis e chão tangível, entre escuridão da alma e negritude do solo, entre profundezas psíquicas e profundidades concretas”. O autor escreve a partir da comparação com hieróglifos egípcios onde essas diferenças estão relacionadas a distâncias: a terra, *Aker* ou entrada para mundo subterrâneo na hora da morte, e o reino dos mortos de *Anúbis*, um cão-chacal preto-azulado. Como podem perceber, o preto está representando o lugar da morte e do submundo em oposição ao paraíso branco como vimos acima. Segundo Hillman (1986) essa oposição branco-preto foi concebida por uma fantasia pouco sofisticada de diferenciação de opostos que desloca as sombras do branco para o negro do outro lado. Para ele, os extremos mais do que se tocam, eles se misturam lembrando uma das máximas de Jung sobre a teoria dos opostos que devolve ao branco sua condição mística igualmente sombria e venenosa, e do mesmo modo reconhece no preto sua

capacidade de cura. Ambos capazes de transitar entre medicina e veneno, e que ser acometido por uma condição de fragmentação e decomposição no submundo psíquico podem ser caminhos de desertificação, aprofundamento e cura da alma.

Hillman (2013) pede cuidado com a literalização da morte, que em sua opinião está cada vez banalizado em simplificações clichês sobre o mistério. Morte para Hillman é a direção, o *telos* da alma no seu caminho de individuação. A individuação da alma percorre em sentido para dentro e para baixo, em movimentos de sentimento vagaroso e exige ampliações estéticas nas experiências com o mundo e um olhar atento às manifestações da alma em seus sonhos, sintomas, e por que não nas suas paisagens?

As distinções dos níveis do submundo garantem a liberdade da natureza e do reino psíquico para que também possam transitar independentemente. *Chthon* e *ge* não são o mesmo lugar nem evocam os mesmos sentimentos, enquanto o primeiro é o que Hillman (2013, p. 63) nomeia como mundo das trevas e tem sua origem nas profundezas frias e mortais, o segundo se relaciona mais com fertilidade. *Este tipo de chão profundo não é a mesma coisa que a terra escura. Chthon fica abaixo e além de Ge que é a terra e tudo o que se materializa nela e para ela.* A preocupação do autor foi a percepção da vulgarização do arquétipo da Grande Mãe Terra para designar todos os aspectos do profundo, primitivo e terreno, ignorando os movimentos herméticos, dionisíacos e até atribuídos a Zeus e suas influências no submundo.

Mais especificamente, o autor (Hillman, 2013) amplia para três níveis imaginativos da terra e do submundo. Primeiro *Ge*, *uma imaginação terrena* que está ligada ao crescimento e regeneração, fecundidade e produtividade, mapa, localização geográfica. O segundo nível de *Ge* é (*Ge-Têmis*) e é de ordem ritualística e territorial, onde *Ge* como base física se interrelaciona com a base psíquica de uma comunidade ou indivíduo, o “seu lugar na terra”. É o lugar onde se forma a base espiritual e imaginativa da matéria para o surgimento de rituais e leis que possam por exemplo garantir a fertilidade da terra. Para enfim chegarmos ao *cton*, o terceiro nível ou as profundezas do mundo dos mortos.

Mas partindo de uma mente politeísta, os níveis de *Ge* podem ser imaginados menos fronteiriços como na perspectiva de Patrícia Berry, citada por Hillman (2013, p. 66), que entende *Ge* “tanto como material, terra maternal quanto vazio ctônico”. Patrícia Berry (2014) nos alerta que carregarmos fortemente enraizadas as fantasias

de bondade, limpeza, realizações objetivas e progressivas, e por esse motivo negamos a divindade da terra e do solo apartando-a de nossas vergonhas, complexidades e criaturas ctônicas. Para ela, as profundezas do materno são o mundo das trevas, pois o reino original de Gaia na mitologia grega incluía os dois reinos, o superior de fertilidade, vida, nutrição e crescimento, e o mundo subterrâneo da morte, da limitação e do fim. Mesmo que o perigo seja cair no reducionismo físico do aspecto espiritual da matéria, é de suma importância frisar a não distinção de valor entre as duas funções simbólica e terrena, “podemos servir a terra e estarmos no chão de mais de uma maneira, ou seja, por meio de *atividades psíquicas*, e não apenas através de atividades naturais.” (Hillman, 2013, p. 67) Não podemos definir as fronteiras da psique humana, uma vez que sabemos que tudo o que venha a ser “Eu” extrapola pelo menos em partes aquilo que eu conheço, pertencendo à territórios do substrato psicóide, onde matéria e psique se misturam. Nas palavras de Hillman (1995, p. xix):

Esta fonte psicóide refere-se ao substrato material da vida: como o cálcio, inorgânico por categoria, mas, como os ossos, animado pela atividade dos seres vivos. Do ponto de vista material, o substrato psicóide tem efeitos; do ponto de vista psicológico, estes efeitos podem ser discutidos como intenções.... Então, novamente, onde termina a psique e começa a matéria? Para os pioneiros da psicologia como terapia, os níveis mais profundos da psique fundem-se com o corpo biológico (Freud) e com a substância física do mundo (Jung). (tradução livre) <sup>1</sup>

Segundo o autor, o mistério e a incerteza sobre onde se situa a psique e sua relação com a matéria é responsável pela capacidade imaginativa que é capaz de ressignificar a terapêutica com o mundo, que foi limitada por uma psicologia que não nos encoraja a olhar emoções, relações, desejos, queixas fora das proporções humanas. Hillman (1995) sugere que grande parte da psique está situada fora dos corpos, como o ar dos pulmões e todas as misturas e participações exigidas para acontecer um ato de respiração, e que tratar o interno exige atenção com o externo. Assim como Nastasjia Martin nos conta que para os *even*, animais dão indicações

---

<sup>1</sup> This psychoid source refers to the material substrate of life: like calcium, inorganic by category, but, like bones, animated by activity in living beings. From the material perspective the psychoid substrate has effects; from the psychological perspective these effects may be discussed as intentions...So, again, where does psyche stop and matter begin? For the pioneers of psychology as therapy, the deepest levels of the psyche merge with the biological body (Freud) and the physical stuff of the world (Jung). (original)

sobre as direções dos fluxos geofísicos, Hillman reconhece que paisagens entram em consonância com os animais, e nós somos animais, quando percebido com atenção. Isso significa que o mundo inteiro pode ser nosso consultório, uma vez que não podemos nos estudar apartado do território. Sem ter entrado em contato com os Karrabing ou Elizabeth Povinelli, Hillman (1995, p. xxiii) afirma:

A observação cuidadosa conduz sempre para além do imediatamente observado, e devemos seguir os fenômenos, as patologias, em vez de sermos limitados pelo nosso próprio “corte”. (tradução livre)<sup>1</sup>

Os mortos, os sonhos e os elementos transitam em um degrau anterior ao do mundo das trevas, em seu estado “como se” estão situados e aterrados em algum lugar do além-mundo, ou entre-mundos, onde podem existir mediante a capacidade imaginativa de suas intenções, desejos e abstenções a serem cuidadosamente observados e compreendidos coletivamente. Geos é a zona qual os mundos imaginativos da matéria podem se tocar, onde terra pode ser chão, esqueletos podem

---

mover-se, paisagens podem se desertificar, sonhos podem se manifestar, e animados e inanimados podem co-habitar sem que precisemos animar os Não-Vivos. Gostaria de destacar que concordo com Hillman (2013) quando ele diz que não podemos cometer o erro de literalizar a morte, pois de fato os Não-Vivos não são os mortos, embora possam ter sido um dia parte daqueles que morreram, hoje se encontram em outro estado de existência. Acessar o território Geos exige uma meticulosidade sensível que não permite aos humanos o abandono do faro animal, nem do nosso senso de comunidade ampliada e pertencimento extra-específico, com alianças e misturas, ao invés de rupturas entre Vivos e Não-Vivos. James Hillman sobre os tropeços da psicologia analítica na tentativa de conceituar o conhecimento em contraposição da capacidade dela de escuta dos caminhos:

[...] Mas suponha que a psicologia fosse realmente uma prática, não um campo de conhecimento ou de sentido, mas um caminho, como ele (Jung) tão frequentemente usava a palavra. Uma forma de vida,

---

<sup>1</sup> Careful observation always leads beyond the immediately observed, and we must follow the phenomena, the pathologies, rather than be hemmed in by our own “cut”. (original)

uma forma de ver, de escuta, de resposta, de sentir os deuses do mundo...Eu sou um psicólogo, vivo o mundo, você poderia dizer, através da alma. Não sei muito bem o que isto é, ou o que significa, mas isso me salva de tentar imaginar que estou engajado em entender o mundo, e volto ao que disse antes sobre apreciar o mundo, mais do que conhecê-lo. Não um mundo pensado, mas um mundo belo. E o que acontece então na forma como você está no mundo, e com o mundo. (Hillman; Shamdasani, 2015, p. 197)

A noção de temporalidade transcendida não é o tempo de *Kairós*, mas conversa com. Geos sustenta-se em *Cronos*, e possui abertura de comunicação com a dimensão de *Kairós*. Sua temporalidade cronológica medida em eras transcende a capacidade egóica por extrapolar o arsenal de imagens colecionáveis humanas do *Anthropos*, sendo assim coleção destinada a *Geothopos*.

#### 4 SAUDAÇÃO AOS MORTOS

É importante sublinhar que todo o percurso dessa pesquisa foi escrito a partir de atravessamentos psíquicos e olhares contaminados culturalmente sob a perspectiva antropocêntrica. Dito isso, as conversas entre mortos, não vivos e psicologia analítica se propuseram a expandir para além do imaginário vigente humano sentido ao reconhecimento de forças que nossa humanidade não é capaz de entender. O desafio, portanto, jamais buscar-se-ia dominar sobre esses saberes, mas ceder à entrega convocada por uma carta vinda de Geos e dar atenção às manifestações sem o ímpeto de conscientização ou intelectualização das presenças mais que humanas.

A psicologia profunda busca movimentar-se sentido ao submundo psíquico com abertura para a reanimação dos mortos e ao que foi esquecido e enterrado. São reverberações inconscientes e arquetípicas sobre nossa negação da morte como profundidade de aspectos indesejáveis culturalmente e acrescento a necessidade de percebermos a negação dos não vivos como agentes e imagens na sua temporalidade e ritmo. Como nos diz Hillman (2013, p. 108): “apenas agora Hades começa a reaparecer em novas e agourentas preocupações com os limites de crescimento, a crise energética, a poluição ecológica, envelhecimento e morte”.

Meu esforço foi pelo empenho no reconhecimento da pluralidade de formas de existências capazes de atividade psíquica e contribuições interespecíficas pertencentes ao mundo vivo e não vivo.

Viviane Despret (2023, p. 103). me inspirou a escrever borrando os limites imaginários entre mundo e submundo. Segundo ela, os sinais dos mortos lembram, re-invocam e rememoram (*re-member*) experiências passadas no presente para serem lembradas sob forma de sensações. Dessa forma nós vivos somos tocados muitas vezes nos responsabilizando pela reconstrução do passado, abrindo ou ampliando para novas possibilidades de futuros. Agir e transformar maneiras de ser, não retrospectivamente, mas retroativamente. (Despret, 2023, p. 102).

A partir dos complexos que se retroalimentaram com/nas próximas gerações podemos contar inúmeras histórias. Cada indivíduo é um continuum de emaranhados de acontecimentos geracionais, poço de mensagens de múltiplos sentidos que a cada narrativa cria versões e transformações que fazem parte dessa rede de conexões, fazendo-se secundária a importância da ordem dos fatos.

Hoje percebo que as presenças *post mortem* nos trazem oportunidades de aprender com a loucura que é muitas vezes um caminho possível de movimento e mistura daquilo que não encontra outras maneiras de transformação. Tampouco a escassez cessa com abundância quando a pobreza está por debaixo da pele/alma. Sintomas e traumas se fazem caminho por cartas vindas do submundo escritas por vidas mortas. Os mortos fazem daqueles que ficam fabricantes de narrativas (Despret, 2023, p. 18).

Brandão (2021) explica que episódios impactantes negados, segredos e memórias impedidas de transmissão psíquica, impõem à futuras gerações a tarefa de encontrar espaços continentais para a integração dos fragmentos de imagens e sensações dissociadas. Os conteúdos traumáticos permanecem agindo inconscientemente impedindo o processo de individuação em cadeia podendo gerar identificação com o caráter negativo do trauma potencialmente desestruturante quando simbolicamente não elaborado. O caráter do trauma é definido por Jung citado pela autora, pelo desvio do caminho daimônico do indivíduo. Quanto mais se afastar da direção apontada pelo curso de sua alma a partir de eventos traumáticos, maior será a desestabilização afetiva.

As reparações traumáticas podem acontecer por meio de relações afetivas saudáveis (Brandão, 2021) que como ilhas de edição, reeditam os complexos por meio de afetos que contribuem para que novas narrativas continuem a ser contadas com experiências de identificação e reapropriação da própria história, desbloqueando o caminho de individuação.

Lembrei-me da primeira vez que descobri a morte entre o sete e oito anos de idade por meio de primos de segundo grau que faleceram em dois diferentes momentos. Recordo nitidamente da sensação de curiosidade para ver os corpos mortos em um caixão, o cheiro de um velório que é inesquecivelmente floral e triste. Ainda bem que meus pais nunca me pouparam de ir em velórios como fazem aos montes os pais e responsáveis por aí na tentativa de poupar as crianças do sofrimento. E o que na verdade fazem esses adultos, é separar as vidas recém-chegadas ao mundo de sua condição natural mortal sujeita ao submundo e criar uma barreira potente entre Vivos e Não-Vivos. Crescemos culturalmente indiferentes à morte, posteriormente nos chocamos e ficamos todos reativos pela impossibilidade de nos esconder dela.

Medo é daqueles sentimentos que fazem a gente atacar ou correr, e muitas vezes se esconder. Talvez o medo tenha sido o maior interessado para que eu escrevesse sobre os mortos, os elementos, minerais e a areia movediça do submundo. Vinciane Despret me inspirou a vacilar juntos aos mortos com o intuito de modificar as relações e as maneiras de se relacionar. Busquei fazer como ela e escrever vacilando e coexistindo mundos:

É cultivar a arte de passar de um mundo para o outro sem vacilar ou, para usar outra imagem, fazer com que se comuniquem maneiras de pensar e de sentir heterogêneas, normalmente contraditórias, e inscrevê-las em novas relações. É aprender a fazer coexistir. É a esse difícil exercício que os sinais convocam. (Despret, 2023, p. 84)

As marcas ficam impressas nos ossos e tenho a intenção de valorizar, abri-lhes caminhos no meu imaginário e convidar outros a trilhar junto antes que se tornem simples fósseis inanimados esperando por areias movediças para a descoberta de algum arqueólogo que os exponha em museus. Através dos vacilos podemos encontrar lugares meios, entre mundos que permita a comunicação com o submundo seja por sinais, sonhos, histórias, tristezas, medos, descompensações, complexos,

manifestações metamórficas ou sintomas. Os Mortos e Não Vivos são os mensageiros da militância da porosidade da mente e seus cartazes indicam: *Há pensamento fora das nossas cabeças!* (Despret, 2023, p. 83)

Para nos ajudar a ouvir as vozes que vem do subsolo é preciso de um pensamento ecológico como nos ensinou Thimoty Morton (2023), que inclui os aspectos sombrios da natureza, forças destruidoras e destrutivas, reveladoras do que não se quer ver ou ouvir. Um pensamento que busca narrativas que rasuram as tendências psíquicas mantenedoras do status quo, que exercem todos os seus esforços para manter o máximo possível da sombra embaixo da terra.

O pensamento ecológico é capaz de se relacionar com um mundo mais amplo, rico em ontologias geontológicas, com narrativas outras com passagens entre vários mundos e várias vozes que se fazem sentir e existir. Uma narrativa que escreve vacilando pelos meios. Multiculturalismos e perspectivismos não significam que tenhamos um mundo integrado e harmônico, ao contrário, é um mundo rico em versões que muitas vezes são conflituosas e variadas, ao mesmo tempo que amplifica os contextos do “ou isto ou aquilo” rumo ao “e, e, e...” que desencadeiam outros pensamentos e se encadeiam numa emaranhada malha de histórias, narrativas e presenças. Uma “erótica das versões” com seus desejos de continuidade. “Essas histórias não encantam o mundo, como se diz com frequência, elas resistem à sua desanimação. Elas não lutam contra a ausência, mas compõe com a presença.”

(Despret, 2023, p. 118-119)

Sonu Shamdasani (2015, p. 197):

Isso se conecta com outro aspecto de *O Livro Vermelho*, que é a afirmação da vida. A apreciação é claramente outro modo de expressar a afirmação da vida, a aceitação da existência em todas as suas formas.

## 5 CONCLUSÃO

Pedra Rolada

Mário Quintana (2005, p. 427)

Esta pedra que apanhaste acaso à beira do caminho  
Tão lisa de tanto rolar – é macia como um animal que  
se finge de morto.

Apalpa-a... E sentirás, miraculosamente,  
a suave serenidade com que os mortos recordam...

Mortos?! Basta-lhes ter vivido um pouco  
para jamais poderem estar mortos.

E esta pedra pertence ao universo deles,

Deposita-a  
cuidadosamente  
no chão...

*Esta pedra está viva!*

O resultado desse trabalho se deve ao reconhecimento de estar experienciando o empedramento de ideias e a um pacto com pedras semipreciosas que me levaram à lembrança de uma promessa que fiz aos minerais. Em meio a tudo isso, presenciei um episódio de dissociação capaz de desenterrar ossos geracionais e segredos familiares gerando uma completa desorganização coletiva que me impôs atenção e tempo. Precisei corajosamente me render ao vagaroso processo da paciência e perceber conforme o tempo passava que o empedramento estava se transformando em novas imagens ao diluir-se em convocações que me mobilizaram, movimentaram e me reorganizaram com inspirações para voltar a escrever. Como vimos toda aparição de Hades convoca a atenção absoluta ao sofrimento para uma atitude esperançosa na espera da morte e do contato sensível em mundo diurno em suspensão. Sincronicamente, a morte se fez presente em sucessivas aparições enquanto compunha o trabalho: Um pássaro morre ao bater na janela da casa onde busquei isolamento para estar junto às pedras, recebi o comunicado do falecimento de uma vizinha enquanto estava fora, fiquei chocada e entristecida com a notícia da morte de uma querida amiga de adolescência que resultou no resgate de vínculos do passado no presente, uma segunda vizinha também veio a óbito deixando dois filhos pequenos e por fim, me surpreendi com o sucesso de um comentário em uma página de enterros sustentáveis no qual comentei sobre o meu desejo de me tornar um ipê amarelo ao me decompor ao brincar de poder escolher sobre os misteriosos rearranjos outros.

Há algo nos Não Vivos que seguem seus próprios princípios de movimento e transformação em ritmo potente de lentidão que não se interessa pela dualidade vida ou morte. Agentes não vivos e seres vivos trabalham juntos em tensões e rearranjos repleto de possibilidades e formas de existências que transcendem a imaginação humana.

Ao invés de escolher a lente por qual enxergar, podemos ampliar nossos olhares em confluências que buscam se misturar nas mais diversas versões de mundos coexistentes e interdependentes em complicadas malhas contínuas de metamorfoses.

Na contramão deste movimento, o empenho cultural vigente acaba por “coisificar o campo psíquico com o objetivo de nos tornar posseiros de consciência e donos de terra, retirando dos Não Vivos a capacidade de suas humanidades outras como independência e seus próprios sistemas de existência e movimentos.

O estado de participação mística com o território pode inaugurar campos de abertura e atenção mútua com forças vindas do submundo e de baixo da pele/terra, ao mesmo tempo que pode causar uma enorme e perturbadora sensação de turvamento da consciência e controle do ego. Jung já nos alertou que essas forças não pedem licença, apenas demandam e determinam que sejam escutadas em atitude de submissão, pois somos nós que pertencemos ao inconsciente e não o contrário. O arsenal de imagens humanas é apenas uma parte do inconsciente coletivo que flutua em meio a múltiplas outras coleções de imagens que fazem parte de outros universos de seres vivos e não vivos.

Os sonhos tais quais como os Sonhares são manifestações e intencionalidades de seres míticos e ancestrais, tais como agentes terrenos que manifestam seus desejos, direcionalidades e conexões em misturas no aqui e agora. Sem porosidade do ego e da alma não podemos sequer cogitar uma abertura para o sentir e estar presente com a transformações das mais existências e vivenciar trocas com aquilo que os olhos não podem ver. Exige-se um estado de desmembramento, mistura e loucura como acontece na participação mística para uma espécie de fendimento que nos levaria a validar as presenças não vivas e chegar mais próximo do que podemos chamar de compreensão das diversas manifestações dessas entidades ou elementos.

Os alquimistas sabiam que a *opus* dependia de uma atitude religiosa (*re-ligare*) com a matéria, que era preciso se “relacionar com” para que a alquimia pudesse acontecer. Havia mais do que intenções projetadas na matéria, alquimistas se misturavam em soluções junto aos elementos criando um elo profundo no processo de transformação buscando elevações de sabedoria e do espírito da matéria. Podemos dizer que de certa forma os alquimistas e Jung intuíram a existência de

confluências interespecíficas nos processos de individuação tirando, mesmo que de forma comedida, o Humano do centro.

À medida que a sociedade moderna foi se universalizando tomando o progresso como sinais de evolução da espécie humana, foi se separando de tudo o que ameaçasse seu domínio e se rendendo ao pensamento sintético como modo de operação e construção do mundo. A fim de controlar e permanecer no controle da cadeia “alimentar”, fez dos outros seres vivos animais e vegetativos; e dos outros não vivos mortos, estáticos, imutáveis e inertes como fósseis inanimados disponíveis para serem usufruídos como fontes ilimitadas de energia, material e informação em nome do desenvolvimento.

As geontologias inauguram perspectivas e temporalidades que devolvem a Geos o lugar de centro. O pensamento a partir das geontologias podem auxiliar a psicologia analítica no aprofundamento do contato e relacionamento com o Não Vivo como forma de aprofundamento do animismo, pois o animismo, como vimos, também pode ser aquele conceito aprisionador entusiasta por manter o Não Vivo predestinado a ser eternamente imóvel e imutável, encaixado em uma única forma de olhar que caiba dentro do espectro imaginativo humano. O animismo não precisa se limitar a dar vida para o inanimado, o Não Vivo não precisa ser visto como vivo, nós é que precisamos ampliar a capacidade imaginativa para novas realidades psíquicas e respeitar o seu direito de existência tais como “são” não vivos, transcendendo nossa fome de entendimento e controle da temporalidade.

Ivki é a palavra que os *even* usam para se referir ao princípio de animação que tensiona as relações entre os seres, que traduzindo poderíamos chamar de animismo. Segundo esse princípio, elementos e mortos podem ser vistos como meta pessoas, aqueles que não tem alma individual, atravessam todas as coisas, possuem força própria que ultrapassa tudo o que os vivos, animais, humanos, plantas possam fazer ou dizer, além de possuir maneiras distintas de metamorfosear. Ivki pode ser entendido como manifestação da capacidade metamórfica e movimento. Não passa pelo entendimento de que vem ou é designado por alguma entidade superior, como Deus. Tudo é atravessado por Ivki, eu, você, os galhos, o vento que é soprado, não é superior, tampouco um espírito, que por sua vez também é atravessado pelo mesmo princípio de animação que tensiona casualmente, multifaceta ao atravessar todos os componentes do mundo. O poder é medido na capacidade de metamorfose, e a força

para agir vem do interior, a alma individual e seus impulsos; e do exterior com o princípio de animação que move todas as formas de existência, bem como suas diferentes temporalidades, ritmos e formas.

A nossa ignorância parte do incômodo da limitação que temos perante os saberes geológicos e dos elementos e sua temporalidade inalcançável para a nossa compreensão. A psicologia analítica seguindo seu curso espiralado e tendencioso para o aprofundamento da alma sentido ao submundo se parece mais com formas de saberes orgânicos na busca pelo desenvolvimento do ser, do que com saberes sintéticos que visam a apropriações do ser e do ter. Por esse motivo acho cabível e interessante que o campo de atuação se abra para novas confluências e transfluências que transcendam as geografias da alma, da pele e da terra. Novos imaginários urgem para que se abandone referências que coloquem o Vivo como centro organizador de merecimento e de continuidade, desconsiderando a importância, dinamismo e existência do Não Vivo. Reconhecer o tempo de Geos é poder renunciar à ideia de um único arsenal de imagens colecionadas pelos humanos desde suas primeiras pegadas humanóides como fonte imaginativa exclusiva de construções imaginais para expandir que estamos imersos em um oceano de imagens muito maior e colecionado por agentes em constante mutação muito antes de nós, capacitados nas suas formas de humanidade, organizações e acasos, preocupados com misturas, coparticipações e rearranjos.

Novos Sonhadores poderão ser aliados na reconfiguração de formas existenciais que exercem influência sobre o todo e do imaginário composto, no qual estamos inseridos e não o contrário. Podemos escolher estarmos atentos aos movimentos do Não Vivo, seguir suas orientações, tecer ativamente em favor da malha para que aqueles agentes vitais para a existência não nos vire as costas com mutações e desertificações carentes de atenções mútuas e falta cuidado.

Sem que muitos percebam, a ideia de Natureza está carregada de desejos de apropriação das imagens e/ou dos recursos que “isto” possa conter. É muitas vezes um encontro às cegas com a incontrolável fome de sermos posseiros. Negligenciamos as mensagens de Geos para sermos donos da matéria, e como espelho o mesmo acontece com os mortos, esqueletos, resquícios, fósseis e presenças do submundo psíquico. As geontologias dos Karrabing descritas por Povinelli, contribuem para que olhemos para fenômenos ameaçadores como movimentos e processos orgânicos

com manifestações de desejos, orientações e direções, que promovem em um conjunto de seres e agentes atuantes nas mudanças estruturais que não podemos apreender, nos custando o exercício de atenção e coletividade para alguma compreensão a partir do observar, sentir e metaforizar. Esses olhares e formas de se relacionar com o mundo nos tira do centro interpretativo para sermos motivos de interpretação pela matéria que até então era entendida como morta e inerte, pronta para ser trabalhada pelas nossas mãos e máquinas. Porém o que ensina esse olhar geontológico é o oposto, as manifestações aparecem a todo momento como sinais, sonhos, sensações, assombros, arrepios, maravilhamentos e mensagens.

Ao invés de recorrermos para posturas de ataques ou fugas paranóicas, ao nos reconhecer como compostos de misturas podemos nos descobrir mais dispostos a nos relacionar de forma mais investigativa, questionadora, cuidadosa e sedutora com perguntas como: O que são? O que querem? Para onde apontam? O que desejam? Como posso contribuir para estabelecer trocas que interessem as partes?

Presenças não vivas, assim como os mortos, elementos e minerais desejam com, movem com e se vinculam, porém também repelem, se desertificam e destroem. Há muito do que nos escapa! Atenção e cuidado exigem tempo e pacto com a lentidão. O vagaroso pode ser aliado para que o novo e urgente se manifeste. O homem moderno que tem fome e pressa, universaliza e simplifica o mundo que acabam por tamponar a sensibilidade para as possibilidades das manifestações criativas de misturas, desertificando a Terra e seu imaginário.

Reconhecer que não estamos sozinhos no processo evolutivo pode contribuir para sermos menos solitários e amedrontados em meio a ruínas e mundos colapsados. As paranóias da atualidade usam roupagens coletivas e ambientais e exigem novas e criativas formas de encontros com os seres, agentes e entidades para reflorestar as diversas forças imaginativas latentes, usando de recursos e presenças parciais do que sobrou dos cânticos, rituais e xamãs. O rosto dos mortos virados para o leste é uma maneira ritualística de encorajamento a tomarem novas formas de existências metamórficas. A alma quer criar relações com o desconhecido, tendendo ao mergulho nas profundezas de seus complexos, emaranhados nós e tensões. Ela se preocupa em ampliar rumo ao não óbvio, e ao invés de continuar a caminhar no sentido oposto, limitada, posseira e segregativa, a cultura pode recuar cedendo ao

movimento de se atentar às desertificações em curso para caminhar junto aos outros dos outros em busca do aprofundamento, morte e manifestações do invisível em novas peregrinações territoriais.

Como nos ensinou os *even* por meio das palavras de Nastassja Martin, o nomadismo é poder metamorfosear, é estar pronto para todos os cenários que possam se apresentar. Entretanto, mesmo o nômade precisa de um ponto de retorno, tudo o que vive um dia busca retornar para seu lugar de nascimento onde ficam guardados seus sonhos e os seus chamados. Em linguagem psíquica, o nomadismo representa a capacidade de almar, da alma enquanto verbo buscar por novos territórios e paisagens, rumo às entranhas da terra e profundezas dos oceanos. Os *even* contam que às vezes esses sonhos são guardados em pedras, na terra, como um marco para terem caminhos para onde voltar e lembrar de sua origem quando se perderem. O sonho de Dária com sua pedra é um exemplo da busca pela sua história e o encontro com as entidades que fazem parte da constituição do seu ser. “[...] um ponto fixo ao qual retornar quando você esquece como veio ao mundo.” (Martin, 2023, p. 143). Por fim, também nos ensinam que a capacidade de peregrinação no encontro de temporalidades do velho e do novo não é uma exclusividade humana, “Os peixes e tudo que é animado volta para o lugar onde nasceu.” (Martin, 2023, p. 192) Precisamos não só encarnar o corpo, como incorporar a matéria. Os Mortos e Não Vivos manifestam-se em mensagens que podem transformar o curso das coisas no presente, muitas vezes exercem uma força organizadora do aqui e agora com resoluções de conflitos e revelações de pontos cegos temporalizados. Ao contrário do que pensamos, a morte não encerra ciclos, a morte é fundamental para a continuidade. A morte é indispensável para o fluxo de rearrajamentos antropológicos, biológicos, psicológicos, paleontológicos e geológicos contínuos que mesmo separados por nomes, especificidades e infelizmente hierarquias, agem em confluência entre Vivos e Não Vivos.

## REFERÊNCIAS

BERRY, P. **O corpo sutil de Eco**: contribuições para uma psicologia arquetípica. Tradução de Maria Anjos e Gustavo Barcellos. Petrópolis: Vozes, 2014.

BISPO DOS SANTOS, A. Somos da terra. *In*: CARNEVALLI, F. *et al.* (org.). **Terra**: antologia afro-indígena. São Paulo: Ubu, 2023a.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023b.

BRANDÃO, C. Família, transmissão psíquica e identidade. *In*: BRANDÃO, C. (org.) **Família e identidade**. Curitiba: Appris, 2021.

CAMBRAIA, Duda. Estudo aponta de área similar a deserto no Brasil. **CNN**, 12 nov. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/estudo-revelasurgimento-de-area-similar-a-deserto-no-brasil/>. Acesso em 2023.

CARNEVALLI, F. *et al.* (org.). **Terra**: antologia afro-indígena. São Paulo: Ubu, 2023. (textos citados de Nêgo Bispo, Glicéria Tupinambá).

COSTA, A. de C. Virada geo(nto)lógica: reflexões sobre vida e não-vida no antropoceno. **AnaLógos**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 140-150, 2016.

DAVIDSON Helen. **Indigenous affairs**: Kenbi land claim settled after 37-year battle. Disponível em: <https://www.theguardian.com/australia-news/2016/apr/06/indigenouaffairs-kenbi-land-claim-settled-after-37-year-battle>. Acesso em: 2023.

DESPRET, V. **Um brinde aos mortos**: histórias daqueles que ficam. Tradução de Hortência Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2023.

EDINGER, E. F. **Anatomia da psique**: o simbolismo alquímico na psicoterapia. Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Cultrix, 2006.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FOSTER, S. J. **Risky business**: a Junguian view of environmental disasters and the nature archetype. Toronto: Inner City, 2011.

GIORGI, G. **Formas comuns**: animalidade, literatura, biopolítica. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

GLEISER, M. **O despertar do universo consciente**: um manifesto para o futuro da humanidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2024.

HILLMAN, J. **Estudos de psicologia arquetípica**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

HILLMAN, J. **O livro do Puer**: ensaios sobre o arquétipo do Puer aeternus. Tradução de Gustavo Barcelos. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

HILLMAN, J. Notes on white supremacy: essaying an archetypal account of historical events. **Lousiana Spring Journal**, New Orleans, p. 29-58, 1986.

HILLMAN, J. A psyche the size of the earth: a psychological foreword. *In*: ECOPSYCHOLOGY: restoring the earth, healing the mind. San Francisco: Sierra Club, 1995.

HILLMAN, J. **Os sonhos e o mundo das trevas**. Tradução de Gustavo Barcelos. Petrópolis: Vozes, 2013.

HILLMAN, J.; SHAMDASANI, S. **Lamento dos mortos**: A psicologia depois de o Livro Vermelho de Jung. Tradução de Isabel F.R. Labriola, Renata Quirino de Sousa e Gustavo Barcellos. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, C. G. Civilização em transição. *In*: OBRAS completas. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth; revisão técnica Jette Bonaventure. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012c.

JUNG, C. G. Estudos alquímicos. *In*: OBRAS completas. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. *In*: OBRAS completas. Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012d.

JUNG, C. G. Psicologia e alquimia. *In*: OBRAS completas. Tradução e revisão literária de Dora Mariana R. Ferreira da Silva; revisão técnica Jette Bonaventure. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.

JUNG, C. G. **Sobre sonhos e transformações**: sessões de perguntas de Zurich. Tradução de Lorena Richter. Petrópolis: Vozes, 2014.

KOPENAWA, D.; BRUCE, A. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami.

Tradução de Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, B. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Tradução de André Magnelli. São Paulo: Ubu, 2020.

O LAGO Crawford, no Canadá, será o principal marcador para identificar o início do antropoceno. São Leopoldo, Instituto Humanitas Unisinos, 13 jul. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/630470-o-lago-crawford-no-canada-serao-principal-marcador-para-identificar-o-inicio-do-antropoceno>. Acesso em: 2023.

LATOUR, B. **Onde aterrar?** Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MANCUSO, S. **Revolução das plantas**: um novo modelo para o futuro. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

MARTIN, N. **A leste dos sonhos**: respostas even às crises sistêmicas. Tradução de Camila Vargas Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2023.

MATTOON, M. A. **Understanding dreams**. 6. ed. Quèbec: Spring, 1997.

MORTON, T. **O pensamento ecológico**. Tradução de Renato Prelorenzou. São Paulo: Quina Editora, 2023.

MUTAÇÃO de apoteose. Direção de Camila Mota. Tyazo temporada sampã 2024. Criação: Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona,

NASCIMENTO, E. **O pensamento vegetal**: a literatura das plantas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

POVINELLI, E. A. **Geontologias**: um réquiem para o liberalismo tardio. Tradução e apresentação de Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu, 2023.

POVOS indígenas derrubam marco temporal: STF anula tese ruralista por maioria de votos. Disponível em: <https://apiboficial.org/marco-temporal/>. Acesso em: 2023.

QUINTANA, M. **Poesia completa**: em um volume. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RIBEIRO, S. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SABINI, M. **The earth has a soul**: C.G. Jung on nature, technology and modern life. Berkley: North Atlantic, 2016.

TACEY, D. **Edge of the sacred**: Jung, Psyche, Earth. Einsiedeln, Switserkland: Daimon, 2009.

TUPINAMBÁ, Glicéria. O território sonha. *In*: CARNEVALLI, F. *et al.* (org.). **Terra**: antologia afro-indígena. São Paulo: Ubu, 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós- estrutural. São Paulo: Ubu, 2018.

WAAL, F. de. **O último abraço da matriarca**: as emoções dos animais e o que elas revelam sobre nós. Tradução de Pedro Mais. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

YUPANKI, Atahualpa. **Para el que mira sin ver**. Disponível em: <https://www.letras.com/atahualpa-yupanqui/para-el-que-mira-sin-ver/>. Acesso em: 2023.

ZACHARIAS, J. J. M. A divinização do excluído, o caboclo na umbanda. *In*: OLIVEIRA, Humberto de (org.). **Morte e renascimento da ancestralidade indígena na alma brasileira**: psicologia junguiana e inconsciente cultural. Petrópolis: Vozes, 2020.